



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

TATIANE CARVALHO DA SILVA

**O METAL É SEMPRE UM GRITO CONTRA ALGO:
o rock e as práticas de espaço em Teresina nas décadas de 1980 e
1990.**

TATIANE CARVALHO DA SILVA

**O METAL É SEMPRE UM GRITO CONTRA ALGO:
o rock e as práticas de espaço em Teresina nas décadas de 1980 e
1990.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

TATIANE CARVALHO DA SILVA

**O METAL É SEMPRE UM GRITO CONTRA ALGO:
o rock e as práticas de espaço em Teresina nas décadas de 1980 e
1990.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Aprovado em / / 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Ms. Heitor Matos da Silva
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno

Prof. Dr. Fernando Muratori Costa
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno

PICOS-PI

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvidio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

S586m Silva, Tatiane Carvalho da
O metal é sempre um grito contra algo: o rock e as práticas de espaço em Teresina nas décadas de 1980 e 1990 / Tatiane Carvalho da Silva – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História Picos-PI, 2021.

“Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”

1. Cidade-História. 2. Música-História. 3. Teresina-Rock. 4. Espaços musicais I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título.

CDD 981.22

Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e oito (28) dias do mês de janeiro de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de TATIANE CARVALHO DA SILVA sob o título O METAL É SEMPRE UM GRITO CONTRA ALGO: o rock e as práticas de espaço em Teresina nas décadas de 1980 e 1990.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador 1: Prof. Ms. Heitor Matos da Silva
Examinador 2: Prof. Dr. Fernando Muratori Costa

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,5.

Picos (PI), 28 de janeiro de 2021.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Heitor Matos da Silva
Examinador (a) 2: Fl

AGRADECIMENTOS

Acredito que desde o início do curso esperamos esse momento da graduação mais do que qualquer outro, vai muito além das dificuldades, das noites em claro que passamos, da pressão ou do medo. Tudo o que conquistamos que nos engrandeceu e nos deixou orgulhosos de nos mesmos ganha uma importância maior, olhar para trás e perceber a metamorfose pela qual passamos diz muito sobre aquilo que seremos como profissionais e humanos de agora em diante.

Esse é um momento mais que especial. Impossível não recordar todos os momentos difíceis e saber reconhecer que não seria capaz de chegar até aqui sozinha. Este momento é repleto de agradecimentos. Agradecer primeiramente aqueles que jamais me deixaram sozinha. Agradecer a Deus que todo dia nos lança a ideia de que somos capazes, e quando não temos mais forças, Ele nos oferece as dele. Agradeço a Deus pela certeza da minha escolha, por me sentir feliz e acolhida em sala de aula, por destinar essa missão para mim. Obrigada Senhor por me colocar onde preciso estar, onde me sinto capaz.

Agradeço a universidade Federal do Piauí enquanto instituição, casa e espaço onde pude crescer me desenvolver e evoluir em vários âmbitos do meu ser, em quatro anos e meio de curso, a UFPI ofereceu o que de melhor uma instituição de ensino superior pode fazer em termos de assistência, ensino, pesquisa e extensão. Meu MUITO OBRIGADA á Universidade Federal do Piauí.

Agradeço à minha mãe, Olinda, por me fazer prioridade em todos os sentidos, por querer me ver forte. Agradeço ao meu pai Solono, que mesmo calado, sentado na sala aos domingos de manhã quando vem me ver, me passa força e confiança, mesmo que não seja dita, eu sinto. Agradeço a minha irmã, porto seguro de toda família, que me acha a pessoa mais inteligente do mundo, ela me faz acreditar que posso tudo. Agradeço ao meu Avô “Zé Bajó” que me criou, me ensinou de mais.

Agradeço a meus professores da academia que desde muito cedo nos inspiram a seguir seus passos, voar alto sem medo ou receio. Por muitas vezes serem nossos amigos em meio as nossas dificuldades e problemas diários. Agradecer aqueles que contribuíram além da sala de aula, que nos humanizaram, indispensáveis para a formação, obrigada em especial aos professores Fábio Leonardo, José Lins, Heitor Matos, que estiveram em sala além de um semestre ou uma disciplina, com grandes ensinamentos, meu MUITO OBRIGADA.

Augusto Mateus que nesses últimos anos viu meu medo e preocupação e sempre soube tirá-los de mim, obrigada por me passar força, apoiar e acreditar nos meus planos e projetos futuros, por trazer um pouco de leveza para os dias de preocupação. Obrigada pelo Amor.

Aos amigos, a nossas almas que mesmo sem ter ideia da existência uma da outra se conectaram e formaram laços quase que de forma automática. Obrigada minhas amigas que lutaram, choraram, caíram e conhecem todas nossas histórias Bruna Batista, Bruna Kaise, Leila Araújo, Lilia Maria e Kácia Mikaela, grupo que está no meu coração, às únicas pessoas que sentiram na pele todos os medos e dificuldades desses anos de curso. Elas me ajudam a alçar meus voos com mais alegria e leveza, me ensinaram a respeitar o espaço do outro e que quando a gente divide tudo fica mais fácil. Obrigada meninas, vocês são do meu coração.

Agradeço em especial ao meu professor, coordenador e orientador Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos que me orienta desde o 3º período, a quem devo muito pela dedicação, disponibilidade e pelos puxões de orelha., por incentiva e nos impulsionar sempre Obrigada por confiar a mim projetos tão importantes e que foram indispensáveis para minha formação o programa de Iniciação Científica Voluntária que me direcionou enquanto pesquisadora. Também ao programa de Residência Pedagógica que contribuiu para minha formação enquanto docente.

RESUMO

O trabalho analisa as representações dos espaços de sociabilidade na cidade de Teresina capital do Piauí, a partir da formação das bandas juntamente com as músicas do gênero rock, no período entre as décadas de 1980 e 1990. Representações essas que, vão além do concreto, formando a parte subjetiva da cidade, onde uma parcela dos jovens teresinenses começava a se movimentar em torno desse estilo musical, que passaria a ganhar seguidores e a produzir suas próprias músicas. O trabalho se embasa em um documentário, jornais, fotos, letras de músicas, além de diversos trabalhos que norteiam a produção dessa pesquisa, assim como autores como Raimundo Santos (2016), Paulo Chocan (1989) Sandra Pesavento (2017) e muitos outros estudiosos, que discutem a temática de história e cidades. Assim, é importante lançar o olhar para a cidade a partir de uma ótica menos concreta e tentar perceber que a cidade também se constrói de atitudes e sensibilidades.

Palavras-chave: História e Cidade. História e Música. Teresina. Rock. Espaços musicais.

ABSTRACT

The work analyzes the representations of sociability spaces in the city of Teresina, capital of Piauí, from the formation of the bands together with the music of the rock genre, in the period between the 1980s and 1990s. Representations that go beyond the concrete, forming the subjective part of the city, where a portion of young people from Teresina began to move around this musical style, which would gain followers and produce their own music. The work is based on a documentary, newspapers, photos, lyrics, as well as several works that guide the production of this research, as well as authors such as Raimundo Santos (2016), Paulo Chocan (1989) Sandra Pesavento (2017) and many others scholars, who discuss the theme of history and cities. Thus, it is important to look at the city from a less concrete perspective and try to understand that the city is also built on attitudes and sensitivities.

Keywords: History and City. History and Music. Teresina. Rock. Musical spaces.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: roqueiros em frente a igreja de São Benedito, na cidade de Teresina- PI. Década de 1980	23
Imagem 02: Diferentes ângulos do local onde funcionava o bar Bárbarie, na Rua Lucídio Freitas, no bairro Mafuá, em Teresina. Atualmente funciona uma clínica médica, com outra arquitetura, em 2019	34
Imagens 03 e 04: Os cantores Belchior e Zé Ramalho, ao lado de Nilson Santos, no interior do bar Barbárie, em Teresina.....	36
Imagem 05: Primeira formação da Banda Vênus. 1982	38
Imagem 06: Banda Megahertz tocando no festival Setembro Rock. 1987	41
Imagem 07: Capa do Álbum da banda Megahertz, em parceria com a banda Avalon, lançado em 1989	42
Imagem 08: Capa do Álbum Stop the Fire, da banda Avalon, em parceria com a banda Megahertz, lançado em 1989.....	43
Imagem 09: Ensaio da banda Avalon no bairro Mocambinho. 1987	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. AO SOM DO METAL: ESPACIALIDADES URBANAS EM TERESINA E A PRODUÇÃO DO ROCK.....	16
a. Dos espaços culturais: O bar	29
b. Dos Bares ao Barbárie.....	32
3 O URBANO VISÍVEL E SENSÍVEL NAS LETRAS E NOS ACORDES	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

Uma cidade pode ser descrita e caracterizada por diversos aspectos que marcam sua formação e transformação. Essas cidades podem ser constituídas de forma física ou subjetiva, onde os traços culturais são fortes formadores de identidade, principalmente quando se trata de música e literatura. Neste sentido, buscaremos apresentar a força de ação do rock, a rapidez e o estímulo do contato com o público. Em se tratando das apresentações musicais, intuímos que estas são capazes de mudar toda uma categoria de pensamento, seja da forma como a gente se vê em relação a cidade, como nos posicionamos, bem como perceber a atmosfera dos espaços que nos afetam e, principalmente, como a música nos afeta e nos transforma.

Com base nessa ideia, este trabalho se propõe a analisar as representações dos espaços de sociabilidade na cidade de Teresina, capital do Piauí, a partir da formação das bandas juntamente com as músicas do gênero rock, no período entre as décadas de 1980 e 1990. Representações essas que, vão além do concreto, formando a parte subjetiva da cidade, onde uma parcela dos jovens teresinenses começava a se movimentar em torno desse estilo musical, que passaria a ganhar seguidores e a produzir suas próprias músicas.

E é nesse recorte temporal que analisamos o *ethos* da cidade, discutindo-o no decorrer do trabalho. Vamos por meio das músicas de rock, concebida como representação urbana, olhar para esse gênero musical como forma indispensável para entender a formação de espaços, perceber as permanências de certos usos até a atualidade. E identificar as questões que eram criticadas nas letras das músicas e perceber que eram utilizadas como ferramenta para problematizar o contexto social em que se encontravam.

Acreditamos que as cidades se constituem por meio de intercâmbios culturais que geram troca de ideias e atitudes. Assim, neste trabalho, voltamos nossa atenção justamente para o fato de como enxergar a cidade partindo de uma perspectiva do rock na Capital Teresina. Isto é, voltando-se para uma ótica musical, visto que a música é um forte e potente objeto de pesquisa, como é discutido por Marcos Napolitano:

Em seus diversos matizes, ela [a música] tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas sobretudo das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas. Por isso mesmo, o uso da canção como documento e recurso didático deve dar conta de um conjunto de problemas nada simples de resolver. (NAPOLITANO, 2002. p. 53).

A nossa pesquisa analisa os espaços urbanos teresinenses a partir dos usos na ótica do rock. Nosso estudo se fundamenta principalmente nas letras das músicas, dos artistas locais, para a problematização dos aspectos urbanos e algumas questões que afetavam a sociedade teresinense, como a chegada da tecnologia que acabou fazendo com que as pessoas optassem mais por uma vida privada, assim como más condições trabalhistas no referido período. Esses questionamentos são contextualizados nacionalmente onde temos em algumas das músicas, letras críticas que evidenciam mais ainda tais questões.

A cidade pode nos fazer ultrapassar as barreiras do tempo. Isto é, no que diz respeito as nossas memórias de vivências em determinados lugares, devido às lembranças que inevitavelmente surgem, quando caminhamos pelos diversos espaços da urbe. Assim também são as músicas, destacamos aqui as de gênero rock, elas são múltiplas, são capazes de nos fazer arrepiar devido às lembranças e aquilo que elas refletem em nós. E é um dos pontos que esse trabalho pretende apresentar, as experiências daqueles que viveram em uma capital no interior do Nordeste que passava por um processo de desenvolvimento e urbanização e começava a entrar em contato com o rock.

A década de 1980 também foi um marco importante para o rock no país, que agora se distanciava um pouco do estilo da jovem guarda de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, e se mostrava um pouco mais alternativo, cheio de variações e ritmos. Não podemos nos afastar da influência das bandas de outros países na produção do rock na capital teresinense, a partir de 1980, sem falar na associação que setores conservadores faziam na época, com “música-barulho”, que trás uma proposta em que o rock estaria muito mais próximo do barulho e da pouca compreensão daquilo que se ouve do que da própria música em si, o que seria uma mistura de barulho com vários instrumentos pesados seguindo um ritmo acelerado, causando incômodo para determinados grupos não adeptos ao estilo musical.

O gênero musical rock, de forma global, passou por diversas fases. Na cidade de Teresina não foi diferente. Até que o estilo ganhasse representatividade, muitas bandas se formaram e foram desfeitas logo em seguida, enquanto outros grupos começaram a se definir entre as variações que o gênero oferecia. Antes de tudo é necessário entender que esse estilo musical sofreu variações com o passar do tempo, de modo que as gerações de hoje podem se surpreender ao ouvir as músicas de rock da década de 1960 e 1970, visto que nessa época o gênero possuía um caráter mais leve do qual se desenvolveu a partir da década de 1980 e que conhecemos na contemporaneidade.

Os fãs de rock, que curtiavam esse estilo musical, seguiam suas bandas onde quer que elas fossem constituindo-se como um público fiel e envolvido com as movimentações dos

grupos. Eles acompanhavam (essa prática é perceptível até hoje em todo o mundo) suas bandas preferidas nos shows, nos ensaios quando era possível, na montagem de equipamentos. Sempre que havia alguma apresentação todos os adeptos marcavam presença, assim como também faziam performances individuais na plateia durante o show. Aquela era hora de deixar fluir toda energia que a música passava juntamente com o som rápido das guitarras e bateria. Esse envolvimento dos fãs de rock com a música na hora do show, aponta uma sensação rápida de ação e poder, com uma energia indescritível tanto para aqueles que tocam como para aqueles que ouvem.

E de acordo com a temática da letra e o teor do som, pode-se perceber que existe uma unidade indispensável entre os dois. A melodia que acompanha e constitui o *ser* da música, diz muito sobre a mensagem que ela quer passar, como por exemplo quando a letra trata de questões sentimentais ou reflexivas a melodia tende a ser mais leve e calma, um pouco mais lenta, onde seus pontos de mais impacto ficam no refrão, porém o fato de não ser uma melodia explosiva não quer dizer que a música não possua uma mensagem forte e necessária. Em outros momentos, a letra pode nos trazer uma denúncia, um grito de socorro, onde a insatisfação e a crítica podem ser expressas das mais diversas formas. Uma mensagem mais séria, por exemplo, necessita da velocidade e do “barulho” excessivo dos instrumentos.

Não somente como música, mas também como ferramenta política, visto que esta se manifesta como uma ação direta, assim como nos fala Paulo Chacon em seu livro *O que é rock?*

O que o Rock busca é esse imprevisto, esse grito, essa lágrima. Fazendo o jovem refletir sobre seus valores (a família, o sexo, a droga, o amor, o irreal) ele contribui para a formação de um homem mais livre, mais conhecedor de si próprio e, portanto, mais consistente ao encarar as questões políticas *stricto sensu*, que atingem a sociedade como um todo. (CHACON, 1985. p. 21).

Nos estudos de Paulo Chacon (1985), ele faz um aparato sobre o desenvolvimento do rock mundial e brasileiro, dando ênfase para o rock como uma forma de fazer-se ouvir em meio os conflitos e os problemas que se formam na sociedade, isso desde o seu surgimento até a década de 1980 com as vertentes mais pesadas que o estilo adotou.

Assim como relatado por Paulo Chocan (1985) na citação acima, a apreciação do gênero musical rock em Teresina se fez como ferramenta de atuação muito direta ao que diz respeito às questões sociais que afetavam todos os brasileiros. Essa reflexão sobre si e o meio circundante, se ampliou por meio da música, nas mais diversas formas, produzida por toda

parte do país, devido sua facilidade de propagação. Dessa forma, entendemos que a música é capaz de chegar mais rápido, em diversos lugares e a inúmeras pessoas ao mesmo tempo.

E com base na capacidade de alcance de suas ações e reações em meio aqueles que são atingidos pela mesma e as formas com as quais a música marca e se torna possuidora de poder. Como exemplo, podemos citar a intensificação das lutas trabalhistas que passaram a se organizar durante a década de 1980, em todo o país. As lutas contra injustiças não existiam somente nos grandes centros, no jornal *O Dia* (CIDADE, O dia, 1989) da cidade de Teresina, encontramos uma matéria que ressalta que vários funcionários da rede pública entram em greve reivindicando por melhores condições no seu ambiente de trabalho e salários mais justos.

Essas mesmas reivindicações e problemas são apontados nas letras de algumas músicas de rock na época, como era o caso da banda Megahertz, na música *That's Brasil (isso é Brasil)* que vem falar justamente do abuso à classe trabalhista, às péssimas condições de trabalho, à carga horária exagerada e os baixos salários, favorecendo os empresários e políticos “*governo fantoche do poder tratado por empresários fome para o povo malabarismo para sobreviver...grandes cidades fazendo bandidos*”

Durante a década de 1980 era muito comum de se vê estampado nas matérias de jornais notícias como essas, greve na saúde, empresas paralisadas, funcionários reivindicando sob inúmeras justificativas. Enquanto o Brasil passava por um processo de redemocratização com a campanha das “Diretas já” que acabou refletindo em todo país. Nesse período, os teresinenses foram às ruas reivindicar seus direitos em muitos episódios.

Assim como explanado acima, podemos perceber que a música é cheia de criticidade e capaz de nos fazer perceber problemas e nos posicionar diante deles, fonte de pesquisa, ferramenta política, capaz de mudar e movimentar seu o ambiente em questão.

Contudo, este trabalho pretende envolver a cidade de Teresina partindo do seu aspecto físico e concreto ao sensível e imaginário, que muitas vezes se dá partindo de momentos, lembranças, lugares que nos levam a outros tempos, sons que nos fazem viajar ao longo dos anos. Partindo principalmente da ideia de que a cidade pode e é modificada com base nas ações dos indivíduos que vivem nela, não somente de forma material como por exemplo a urbanização.

A forma com a qual as ações interferem e modificam o espaço ao nosso redor, e como essas mudanças contribuem para nossas vidas. Desta forma, nosso trabalho pretende, através do rock desenvolvido na cidade, mostrar a vida daqueles que giravam em torno do rock, de

fazê-lo e acompanhá-lo onde quer que fosse. Assim como suas caminhadas pelas cidades e a marca que o rock deixou em alguns lugares que se tornaram ponto de encontro.

Para nortear nossa pesquisa, partimos das seguintes questões: 1) quais os espaços de rock da cidade de Teresina nas décadas de 1980 e 1990 2) Como se deu a formação das bandas de rock na cidade de Teresina? 3) Quais as representações da sociedade teresinense/brasileira nas letras das músicas dos artistas locais, naquela época? 4) Quais as maiores dificuldades enfrentadas por aqueles que queriam fazer rock em Teresina, nas décadas de 1980 e 1990? 5) Como as bandas de rock conseguiram se expandir e se popularizar em Teresina e nas cidades vizinhas?

Para responder essas perguntas fizemos uso de variadas fontes, tais como *letras de músicas* das bandas Sni – *Juventude Comunista* (1983), Fator Rh – *Protesto* (1989), Megahertz – *That's Brazil* e *Tecnodeath* (slip “stop the fire/tecnodeath”) (1989), Avalon – *Stop the fire* (slip “stop the fire / tecnodeath”) (1989). Outra fonte utilizada foram as *matérias dos jornais* da cidade de Teresina, *O Dia* e *O Estado*, principalmente com publicações dos anos 1984,1986,1989 e 1992, os *registros imagéticos e audiovisuais* (documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, dirigido por Erick Miranda) e a *revista Revestres*, que aponta a participação e o desenvolvimento da música e do rock na capital do Piauí.

Para analisar essas fontes dialogamos com autores que discutem as temáticas de *história e cidades, história e música, memória e, representação*.

Assim, uma cidade pensada a partir de seus sentidos e o que eles despertam em nós, seguindo a acepção de Sandra Pesavento (2007), se estabelece a partir de seus sons, seus cheiros, suas cores, seus sabores, juntamente com suas formas táteis. Aqui focamos nossa análise em uma cidade que através da música e seus artistas movimentou a capital piauiense também através da modificação de espaços.

Os estudos do geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000), nos levaram a entender que o espaço urbano de Teresina, assim como de outras cidades, é fragmentado e articulado. Trata-se da questão de articulação de espaços, como os posicionamentos desses espaços contribuíam culturalmente para a noite da cidade e como suas posições próximas podem ou não favorecer a construção popular daquele espaço.

Para compreender as várias manifestações e estilos musicais em Teresina, na década de 1980, dialogamos com as reflexões de Marcos Napolitano (2002) sobre as relações entre história e música. Assim como esse historiador, procuramos não hierarquizar questões sociais, econômicas, estéticas, culturais, mas articulá-las de modo a valorizar a complexidade do objeto estudado.

Os grupos musicais e artistas, na cidade de Teresina, analisados em nossa pesquisa, compartilharam o mesmo espaço, partindo de experiências diferentes. Para Michael Pollack (1989) a memória coletiva age como reforço para sentimentos vividos e adormecidos sobre um evento marcante que afetam cada um de forma individual e que ao mesmo tempo os une.

Entendemos a memória e a música como representações sociais, partindo das reflexões de Roger Chartier (2002). Esse historiador parte do pressuposto que tudo que se cria ou produz automaticamente gera significado no mundo, visto que essa ação se dá de modo premeditado. Em nossa pesquisa, por exemplo, o conceito de representação das cidades, por meio da música, aos poucos vai alterando o modo de ver a urbe, seja de forma concreta ou subjetiva.

A análise das fontes históricas coletadas procurou abordar a ideia de espaço e suas formações. Ou seja, perceber as interações entre cidade e sociedade e, a relevância da música no desenvolvimento cultural, intelectual e crítico dos indivíduos, principalmente dos jovens que compõe a parcela da sociedade que movimentaram muitos dos espaços de sociabilidades da cidade de Teresina e que foram responsáveis pela entrada da produção de rock na cidade. Assim como também os sentidos dados aos espaços, através das músicas, onde cada um traz uma representação particular, seja pelo uso feito pelos artistas ligados ao rock, por aqueles que eram fãs das bandas, ou pela parcela da sociedade que não frequentava, mas que formavam sua ideia sobre esses grupos e aquilo que eles praticavam nesses espaços a partir daquilo que viam ou ouviam falar, assim como também a diferença entre a movimentação desses espaços antes e depois do contato com o rock dentro da formação da sociedade.

O trabalho se divide em dois capítulos, onde o primeiro intitulado **“Ao som do metal: Espacialidades urbanas em Teresina e a produção do rock”**, apresenta os principais espaços de sociabilidades da capital piauiense, os quais em algum momento tiveram a participação das bandas de rock apresentando-se ou foram movimentados por adeptos a esse estilo musical, espaços que se formaram e ficaram conhecidos como pontos de encontro dos roqueiros. O capítulo também aponta os aspectos que contribuíram para a produção do rock e a formação das bandas em Teresina, questões como gravações, shows, instrumentos, entre outros aspectos.

Já no segundo capítulo intitulado de **“O Urbano visível e sensível nas letras e nos acordes”** voltamos nosso olhar para a análise das letras das músicas de algumas das bandas, buscando identificar a criticidade e a problematização de questões sociais por artistas do rock. Na ideia de que por meio das letras poderiam fazer com que seu olhar pudesse ser percebido

por um grupo maior de pessoas. Esse estudo se torna viável através do trabalho com as letras das músicas, as capas dos discos, entrevistas, fotos e vídeos.

As mudanças que aconteceram na sociedade e na música brasileira também chegaram a Teresina, a produção do rock na cidade se inspirava muito nas bandas estrangeiras, e sempre que possível os jovens piauienses davam um jeito para conseguir novos materiais, de participar de um show fora da cidade ou de até quem sabe gravar um disco. É partindo da construção do universo *metaleiro* em Teresina que buscaremos entender as sociabilidades e sensibilidades que se formaram através desse gênero musical que arrasta multidões e aflora os sentidos daqueles que o seguem.

2. AO SOM DO METAL: ESPACIALIDADES URBANAS EM TERESINA E A PRODUÇÃO DO ROCK

Antes de discutir a história urbano-musical de Teresina é preciso entender que os meios de produção e consumo, referente às novidades musicais, especialmente ao gênero rock, se davam principalmente no centro-sul do país, até a década de 1980. Existia uma grande efervescência entre o eixo cultural e econômico que era composto por Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, tudo que surgia de novo no âmbito da música, nesse caso, do rock, tanto nacional, quanto internacional, causava toda uma repercussão, de tal forma que essas notícias chegavam na capital Teresina geralmente por meio de jornais, mas para os adeptos do rock principalmente por meio das cartas e *fanzines*¹.

Antes da entrada do gênero musical rock na capital do Piauí, por volta da década de 1980, é importante destacar a presença de uma considerável movimentação sonora na cidade. Mesmo que pequena, ainda em formação, os estilos eram diversos devido à difusão das rádios e a organização dos concursos, que inicialmente eram organizados pelos próprios artistas, de forma autônoma, e posteriormente passou a ter incentivos da prefeitura, da Universidade Federal do Piauí ou por iniciativa privada que giravam principalmente em torno da MPB, e promoviam tanto a participação do artista, quanto do público.

Na capital piauiense havia certo fluxo quando se trata de eventos culturais, como festivais de músicas, apresentações teatrais e muitos outros, e diversos espaços diferentes que eram utilizados para todos os tipos de movimentações artísticas, fossem elas musicais ou não. Os compositores e músicos que surgiram no período da década de 1970, devido à grande demanda artística e musical da cidade, foram responsáveis, direta ou indiretamente, pela formação e desenvolvimento de muitos dos grupos que tocavam diferentes estilos, mas principalmente MPB. Eles também influenciaram o surgimento de muitos músicos nas décadas de 1980 e 1990 que seguiram carreira e trabalham com música até os dias de hoje,

¹ Uma espécie de revista artesanal, relacionada às artes, cinema, música, quadrinhos, poesia, literatura, geralmente fabricada de forma amadora, tinha por finalidade fazer a divulgação ou informar algo.

desse modo podemos perceber a importância que a música teve na vida das pessoas em diversos âmbitos.

Os concursos musicais realizados em Teresina também contribuíram para o lançamento e desenvolvimento dos artistas locais que queriam divulgar seu trabalho. A produção autoral passou a desenvolver-se cada vez mais, formando uma identidade de música piauiense e, promovendo, o intercâmbio entre grupos que vinham de cidades próximas da região. Entre os principais concursos musicais estavam: O primeiro festival de música popular brasileira do estado do Piauí, o FMPBEPI em 1980. O festival nordestino de música popular do Piauí, FENEMP. E o encontro de compositores e intérpretes do Piauí, em 1984 (MEDEIROS, 2013).

Muitos artistas importantes foram revelados nesses concursos, que foram responsáveis, entre outros estilos, pela explosão do rock em Teresina. A cidade, nos anos 1970-1980, ainda possuía pouca produção cultural jovem, que acabou recebendo um reforço com o início da produção do rock. Nesse período, uma parcela da juventude teresinense se sentiu à vontade e confiante para criticar, mudar e enfrentar o desafio de ser músico em uma capital provinciana (SANTOS, 2016). E, principalmente, o desafio de ser roqueiro no interior do Nordeste, onde existia ainda uma forte impressão que esse tipo de música era “coisa de gente drogada” ou “coisa de doido”.

Existiam também inúmeras dificuldades em torno da produção e consumo do universo musical em Teresina. Havia uma pequena produção autoral, sem o devido apoio para seu desenvolvimento. E, no que se refere à parte técnica, os bons equipamentos e instrumentos encontravam-se no centro-sul do país, que eram vendidos a preços elevados. A cidade não possuía lugares especializados com esse tipo de material, as lojas especializadas só chegaram à capital do Piauí durante a década de 1980 (MEDEIROS, 2013).

Apesar das dificuldades e dos desafios, o período da década de 1970 já começou a chamar atenção e impulsionar os artistas que tinham certo conhecimento e gosto pelo estilo musical do rock e sabiam tocar algum instrumento ou cantar. Nesse período foi formada a *Green City Band*, a banda da cidade verde, um grupo musical que se mostrou importante para o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas e que influenciou o surgimento de novas bandas de rock em Teresina. Essa banda tornou-se referência de todo um cenário musical da cidade.

Formada por Edvaldo Nascimento, Durvalino Couto e Edino Neiva, diferentemente do segmento representado pelos Brasinhas e seus

contemporâneos, que bebiam sobretudo do rock iê-iê-iê, aquele grupo pautou-se pelas vertentes mais pesadas e psicodélicas de bandas como Led Zeppelin e Pink Floyd. Ainda que as canções da Banda da Cidade Verde não tivessem sido registradas na altura em que mantinha atividades regulares, foi deste núcleo que surgiriam dois destacados compositores do cenário musical de Teresina: Durvalino Couto e Edvaldo Nascimento. (ALVES, 2017, p. 167).

A *Green City Band*, entre outras que se formaram nas décadas de 1970, 1980 e 1990, passaram a circular por diferentes espaços de Teresina. A diversidade de espaços culturais, da capital do Piauí, tem ligação com o trabalho dos artistas, onde ficaram marcados os principais momentos dos grupos, suas performances e apresentações que tanto dão significado aos artistas, assim como também, os artistas dão significação ao local.

É importante destacar que a movimentação das bandas de rock formadas na cidade se deu por meio dos adeptos ao etilo musical e que já tinham um conhecimento das bandas de rock estrangeiras que influenciaram muito o som que as bandas teresinenses iriam produzir. Os diversos espaços que abriram suas portas para este estilo musical obtiveram retorno, já que o lugar onde tinha rock era lugar bem frequentado. Muitos espaços ficaram conhecidos pelo fato de ser um local de entretenimento ligado ao rock, como por exemplo o Bar nós e Elis, o teatro do matadouro, o Bar Elis Regina, o Bar barbárie, que eram espaços nos quais movimentavam vários estilos músicas, no qual o rock era reconhecido e aceito, assim como outros locais da cidade que existiam uma certa frequência de ações ligadas ao rock, como a calçada da igreja de São Benedito e o Theatro 4 de Setembro onde aconteceram algumas apresentações.

Vale ressaltar também que o universo musical do rock não se voltava somente para os shows e festivais, os amantes do rock passaram a desenvolver um estilo próprio, com comportamentos ousados e vestuário específico, geralmente usavam calças jeans e camisetas pretas, com a foto de suas bandas preferidas ou caveiras estampadas. Eles circulavam pela cidade chamando atenção das pessoas, interagindo com os espaços e contribuindo para a adesão de novos adeptos a esse estilo musical.

Na capital piauiense havia vários espaços que passaram a reunir os apreciadores do rock. Entre esses espaços podemos destacar a Praça Pedro II, o Theatro 4 de Setembro, a Central de Artesanato, o Clube dos Diários, a quadra do Ginásio de Esportes Dirceu Mendes Arcor Verde (mais conhecido como “Verdão”), o Colégio Diocesano, o Auditório Herbert Parente Fortes, o auditório da Universidade Federal do Piauí, e com menores proporções nos bares (MEDEIROS, 2013).

A Praça Pedro II funcionava para os músicos e simpatizantes do rock, como o principal ponto de encontro para as rodas de conversa. Falavam sobre as novas tendências, instrumentos musicais, dos festivais que aconteciam no Brasil afora. O fato de compartilharem do gosto pelo rock, não só dos artistas, mas também daqueles que acompanhavam as bandas nos shows, formam uma identidade coletiva, características do meio durante aquelas décadas de 1980 e 1990. O costume desses grupos de encontrar-se, nos traz uma das formações do *ethos* urbano da cidade, pela forma com que a música se insere na vida das pessoas e dá significação para esses tipos de espaços, a forma de como esses espaços são potencializados. Além disso, há o fato de que esse logradouro público funcionava como polo de articulação dos demais espaços, utilizado tanto para rodas de conversa, quanto para os shows (SANTOS, 2016). Os estudos do geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000), nos levaram a entender que o espaço urbano de Teresina, assim como de outras cidades, é fragmentado e articulado. Isso ocorre porque,

[...] o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Essas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associadas às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes, para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, e as idas ao cinema, ao culto religioso, praia e parques. [...] As relações espaciais integram, ainda que diferentemente, as diversas partes da cidade, unindo-as em um conjunto articulado cujo núcleo de articulação tem sido, tradicionalmente, o centro da cidade. (CORRÊA, 2000, p.7-8).

Na Praça Pedro II, localizada no centro da cidade, os roqueiros aproveitavam o encontro, para divulgarem suas apresentações, normalmente faziam uso dos *fanzines*, que foi uma ferramenta muito importante para a divulgação das bandas e dos eventos. O uso dessas revistas de produção artesanal e amadora ocorria devido à dificuldade de propaganda. E na intenção de que o rock, através do *fanzine*, tanto despertasse interesse naqueles que ainda não tinha contato com esse gênero musical, quanto funcionasse como uma forma de comunicação de seus apreciadores.

Essa ausência de suporte nas questões de divulgação das bandas, de diferentes estilos, entre outras dificuldades, levou o Governo do Estado do Piauí a criar o Projeto Torquato

Neto². Esse projeto foi criado no dia 10 de julho de 1981, com a finalidade de incentivar o desenvolvimento das bandas, como uma forma de divulgação. Havia assim a possibilidade de as bandas saírem do pequeno universo de Teresina e trocar experiências com grupos de outros estados nordestinos, uma espécie de intercâmbio (MEDEIROS, 2013).

O Projeto Torquato Neto levou os músicos piauienses a sonharem com a viabilidade de se gravar LPs. Isto é, nos anos 1980, havia o desejo de se gravar um disco, porém, era exclusividade dos artistas que faziam mais sucesso e tinham uma visibilidade além do estado do Piauí. As lojas de discos foram importantes nesse quesito de divulgação e produção de álbuns. Elas ofertavam novidades nacionais e locais e estimulavam a gravação de discos, com artistas teresinenses/ piauienses. Podemos citar como exemplo entre as lojas especializadas, a “Barulho Discos” que no final dos anos 1990 produziu três coletâneas de discos de cantores piauienses, que reunia artistas de gêneros diferentes, entre eles o rock. A nossa pesquisa apontou o fato de que com ou sem a gravação de um disco, os shows musicais ocorriam em múltiplos espaços da capital do Piauí, como no Theatro 4 de Setembro e no bar Nós e Elis.

O Theatro 4 de Setembro se caracterizava como um ambiente mais familiar para todas as idades. Era (continua sendo) um espaço voltado para atrações culturais diversas, e não apenas apresentações teatrais. Esse espaço cultural foi palco de alguns festivais, de diferentes estilos musicais, incluindo o rock, mas com destaque à MPB. Como exemplo de shows musicais, citamos a temporada de apresentações do espetáculo “Figurante Amor”, de Geral de Brito, em 1984. (MUSICAL, O Dia, 1984).

O bar Nós e Elis era voltado para o público adulto. O jornal *O Estado* (POLÍTICA, O Estado, 1984) veiculou matéria sobre a inauguração do bar e de alguns tipos de práticas realizadas no local, como a exposição de cartuns (NÓS E ELIS, o Dia, 1984, p. 6). Nesse espaço eram comuns as apresentações musicais, com artistas teresinenses. Os administradores privilegiavam os shows de MPB, mas também havia espaço para apresentações de rock. Nas mesas do bar, os seus frequentadores debatiam sobre diversos assuntos, entre eles política, economia e cultura³.

O cantor e compositor Edvaldo Nascimento⁴ falou em entrevista da importância da abertura desses espaços na cidade de Teresina.

² O Projeto Torquato Neto homenageava em seu título um poeta, compositor e jornalista piauiense, este integrou o grupo de movimento tropicalista, que tinham a proposta da fusão de diversos ritmos musicais.

³ Para maiores informações sobre o bar Nós e Elis, confira a tese de doutorado de Raimundo Nonato Lima dos Santos (2016).

⁴ Cantor e compositor reconhecido por ser um dos propulsores do rock na cidade de Teresina, juntamente com Geraldo Brito (ALVES, 2017).

Aí o [bar] Nós e Elis, aí pronto, foi um divisor de águas. Porque era um local que as pessoas iam, não para ouvir cover. As pessoas iam pra ouvir música piauiense e pra... Tinha Quarta poesia! Quarta de poesia. Então, lá era um bar temático que só ia as pessoas mesmo assim, afins, vamos dizer né. Não tinha aquela coisa de modismo. O modismo que tinha era a gente que fazia mesmo. Era a coisa que tava ali fluindo daquela geração que tava fazendo aquele movimento. Então, o [bar] Nós e Elis foi uma coisa assim bem marcante, vamos dizer assim, para a cultura local.⁵ (NASCIMENTO, 2015).

No caso dos espaços como os bares estes traziam em suas programações atrações diversas, cada um passou a ser conhecido por suas particularidades e acabaram por formar seu próprio público. Enquanto alguns possuíam uma ótica de um simples bar, com aperitivos e bebidas baratas, outros por sua vez desenvolveram uma atmosfera com propostas bem diferentes daquilo que se via normalmente, como espaço para apresentações, fossem elas musicais ou não, debates ou encenações. São justamente essas formações de intervenção que fazia com que alguns desses bares pudessem ser considerados espaços culturais.

Assim como o bar Nós e Elis, outros lugares como este também abriram suas portas e contribuíram para a divulgação de grupos musicais. O historiador Raimundo Nonato de Lima dos Santos (2016) apresenta em sua tese uma vasta lista de bares mais frequentados na cidade de Teresina nas décadas de 1980 e 1990. Entre esses bares ele cita o Sachas Bar, o Arte Bar, o “Bar do Cuspe”, o Bar do Toinho, o Café das Seis, o Bar da Sulica, o Bar Avenida, Bar Havana, o Pacatuba, o Encena, o Artes e Trastes, o Barbárie, o Green Bar, o Zeus, o Elis Regina e o bar Nós e Elis. Esses bares geralmente eram frequentados pelo público comum e por artistas onde se desenvolviam momentos de trocas culturais.

Assim como foi mencionado pelos entrevistados, tanto artistas, produtores e fãs no documentário “Aridez: Metal muito além do fim do mundo” (2017), produzido pelo publicitário Erick Miranda, que busca apresentar um pouco sobre a face roqueira de Teresina. Onde estes sujeitos vão destacar pontos importantes na construção do rock, visto que os espaços para tocar rock eram limitados dando destaque inicialmente para espaços que se encontravam no centro da cidade, ou próximos a essa região, como o Teatro do Matadouro, que se localizava na rua Rui Barbosa, zona Norte. As bandas de rock se apresentavam mais em festivais populares que aconteciam às vezes na capital e em cidade vizinhas. Esses festivais geralmente incluíam vários tipos de apresentações e estilos músicas, tendo em vista que shows exclusivos para o público roqueiro aconteciam com menos frequência.

⁵ Entrevista concedida ao Professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, no ano de 2015.

O principal festival de rock dos anos de 1980 foi o Setembro Rock. Devido à falta de eventos e as dificuldades de montar um show, os próprios roqueiros, artistas das bandas e produtores organizaram esse evento, que marcou a cena teresinense e ficou conhecido em todo estado do Piauí. A primeira edição do festival aconteceu dia 30 de setembro de 1984, na Central de Artesanato, que se localizava no centro da cidade, em frente à Praça Pedro II, que juntamente com outros espaços formavam o centro cultural da cidade.

As bandas de rock de Teresina – seja de rock pop ou heavy metal e thrash metal – se apresentavam por toda a cidade, como em praças e escolas públicas e privadas. Entre esses espaços para apresentações, a Central de Artesanato tornou-se um dos mais importantes para o movimento de rock da capital, por se situar no centro da cidade e integrar o Complexo Cultural que inclui a Praça Pedro II, o Cine Rex, o Theatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários. (SANTOS, 2016. p. 178-179).

Na época, o produtor da banda Vênus, Zilton Lages, juntamente com o Carlinhos Pincel tomaram a frente da organização do evento, onde, segundo seus depoimentos para o documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, Zilton cuidou da parte de publicidade e apoio, e Pincel disponibilizou equipamentos de som e instrumentos.

Mas acima de tudo existia vontade de tocar, e principalmente de aparecer, mostrar que o rock na cidade tinha sim força para organizar um festival com bandas de rock formadas em Teresina. E segundo a fala dos artistas para o documentário, o primeiro evento reuniu em média 4.500 pagantes, o que fez com que o festival continuasse acontecendo anualmente. Setembro se tornou o mês mais esperado pelos roqueiros.

Os primeiros dois anos de Setembro Rock foram movimentados pelas bandas da cidade, bandas que se formaram na atmosfera de Teresina, já os eventos dos anos seguintes 1986/1987 contaram com bandas vindas de outras cidades do Nordeste e também de São Paulo. Essas movimentações de gentes, entre as cidades, provocaram não só um intercâmbio cultural, como também uma articulação cultural entre os espaços do rock, que se deu justamente com a caracterização dos espaços que eram movimentados pelo rock, os locais onde aconteciam os encontros, as conversas e os ensaios.

O festival Setembro Rock, foi responsável pela formação, pelo incentivo e crescimento do rock na cidade de Teresina. Ele também atraía bandas e pessoas de outras cidades, como São Luís, Belém, Recife, Fortaleza. Era um público que consumia o rock e acompanhava seus artistas favoritos. Vale ressaltar que no final da década de 1980 para o

início dos anos 1990, as bandas estavam voltadas para um estilo mais *thrash metal*⁶ que também arregimentou adeptos em solo teresinense.

No final de 1987 o público de rock já era bem significativo dentro da cidade e cada vez mais começava a se reunir, a compartilhar informações, falar sobre rock. Para quem era adepto ao estilo musical todo momento era hora de ouvir, tocar ou falar de rock, era a vida daqueles artistas em torno do som.

Nesses espaços citados aconteceram ao menos uma vez alguma apresentação de rock, rodas de conversa que envolviam um som pesado, troca de fitas e cachaça, até altas horas. Os roqueiros formavam seus próprios espaços, nos mais diversos locais da cidade. Alguns deles ficaram marcados por serem pontos de encontro dos roqueiros, como a calçada da igreja de São Benedito e os locais onde eram realizados os ensaios. Estes geralmente eram realizados em garagens alugadas, onde os músicos guardavam seus instrumentos e outros materiais, como por exemplo a Banda Avalon que ensaiava no bairro Mocambinho.



Imagem 01: roqueiros em frente a igreja de São Benedito, na cidade de Teresina- PI. Década de 1980.
Fonte: ARIDEZ: metal muito além do fim do mundo. 2017.

Ico Almendra, artista teresinense que foi integrante de algumas bandas da cidade, como Wagark, Vênus e Avalon, no documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, falou que os espaços para quem gostava de rock, em Teresina, eram geralmente improvisados.

⁶ O trash metal é um subgênero do heavy metal caracterizado por seu ritmo rápido e agressividade. As canções usualmente têm batidas rápidas e riffs de guitarra que regem a música, intercalados com solos ao estilo shred.

Então a gente geralmente, o que a gente fazia em matéria de curtição era parar o carro na beira do rio Poty e abrir a porta e ficar ouvindo, tá entendendo? Comprava a cerveja ou levava aqueles vinhos barato, abria a porta do carro e botava os toca-fitas, naquela época era toca-fitas e virava a madrugada ouvindo aquilo lá. (ARIDEZ, 2017).

A parcela dos teresinenses que gostavam de ouvir rock se reuniam da forma que podiam, e como no início da década de 1980 as bandas de rock pesado ainda eram uma novidade, não havia eventos ou espaços que promovessem apresentações de rock com frequência. Os estabelecimentos mais frequentados pelos jovens na época eram os bares que contavam com apresentações musicais diversas e que às vezes o dono deixava que o grupo de roqueiros ouvisse suas músicas.

As lojas eram vistas como ponto de encontro, muitos se juntavam e iam às lojas para saber das novidades e bater papo. Entre as lojas especializadas em instrumentos e aparelhagens estava a “Antro do rock” e a “Barulho discos” (1990). Podemos classificar como “espaços do rock” essas lojas especializadas em artigos musicais, pois havia uma concentração e espera pelo novo material que iria chegar de fora.

As bandas de rock frequentaram sim esses espaços, como o entorno da Praça Pedro II, mas de forma bem tímida. O rock era debatido, pensado e feito nas rodas de conversa que aconteciam em lugares aleatórios, como uma calçada, uma garagem, nos ensaios das bandas assim como é lembrado por Ico Almendra no documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”.

Os espaços pra tocar eram mínimos né, como eu já te falei, a gente tinha que ir lá e realmente e quebrar com os grillhões pra poder tocar nesses lugares que a gente conseguiu né, mas os espaços depois disso não ficavam muito abertos, toda vez que a gente ia, a gente não conseguia tocar num Theatro 4 de Setembro todo mês entendeu? Demorava pra fazer shows anuais, ou duas vezes por ano. (ARIDEZ, 2017).

No ano de 1987, no Theatro 4 de Setembro foi realizado o primeiro show da banda Vênus, que foi pioneira de rock pesado, e possuiu destaque dentro da capital. Segundo os integrantes das bandas de rock da época, por ser um espaço mais familiar houve uma grande supressa por parte da sociedade com a realização do evento, principalmente por ser um novo estilo, mais pesado.

Assim como não se pode deixar de considerar as sociabilidades que passaram a se desenvolver a partir da vivência em determinados espaços, dessa forma as bandas de rock frequentavam com menos frequência os demais espaços, já que não era toda a sociedade teresinense que gostava de rock e acabavam se voltando para os espaços que aderiu aos roqueiros, por isso muitos deles ficaram conhecidos por ser um local onde a galera do rock se reunia e podia ouvir seu som, tocar suas músicas sem correr o risco de desagradar ninguém.

Os sentidos dados aos espaços se fazem através das vivências e relações pessoais que se desenvolvem no mesmo. O rock na capital piauiense não era só representado pelos músicos, mas também pelas pessoas que acompanhavam os shows e a trajetória das bandas. Identidade esta que se manifestava por meio das atitudes através do rock, o pensamento, as críticas e o comportamento, que para aqueles que não faziam parte do movimento do rock viam como uma maneira de subverter a ordem, assim como é lembrado pelos artistas entrevistados no documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”. Buscando apresentar o rock como ferramenta potente no que diz respeito a um movimento jovem, novo e cheio de atitude que era aquilo que a chegada do gênero musical representava no início da década de 1980 quando explodia na cidade de Teresina.

As formas e os lugares nos quais os jovens utilizavam para se divertir, a atmosfera do rock influenciou as pessoas a saírem de suas casas, os encorajou a produzir música, mesmo em uma cidade pequena e do interior do Nordeste. Abrindo espaço em meio a uma sociedade mais voltada para a música regional e a MPB, o gênero do rock traria consigo uma pegada mais agressiva, o que chamaria mais atenção e uma grande adesão dos jovens.

Fatores que contribuíram para a formação do *ethos* urbano, que se pode perceber em diversos aspectos, afinal aquilo que é urbano não se define somente pelo material e palpável, ligando-se a atitude desses jovens que se encontravam e compartilhavam entre si experiências através do mundo do rock, fossem os próprios artistas, fosse o público.

Uma forma bem comum de troca de experiências, em meio a espaços e shows, eram os *fanzines*. Essas publicações alternativas constituíam-se como uma das formas de divulgação do universo do rock, em âmbito nacional e internacional. Entre os conteúdos disponibilizados, estavam informações sobre os instrumentos, aparelhos, hora e local dos shows e qual era o rock que estava em alta no momento. Também era um meio de conhecer novas bandas e, a partir desse contato por meio dos *fanzines*, o pessoal se reunia para ouvir as músicas dessas novas bandas e debater sobre o som dela.

Além dos *fanzines*, os artistas e fãs costumavam trocar muitas cartas com pessoas de outros estados, até mesmo de fora do país, tratando sobre rock, trocando experiências, era

muito comum na época. Segundo Mike Soares, em depoimento contido no documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, integrante da banda Megahertz, geralmente a troca de cartas acontecia com a intenção de saber quais discos a pessoa que morava do outro lado do país tinha. Em alguns momentos existia também uma troca de fitas gravadas por meio dessas correspondências, cada um grava uma fita do disco que o outro não tinha e enviava.

Um amigo tinha, tinha um disco e se ia e conseguia gravar, e de repente o cara não tinha o disco, tinha uma fita que o outro amigo mandou de São Paulo, mandou de Belo Horizonte, mandou sei lá, dos Estados Unidos e a gente reproduzia. O outro fazia a copia da copia, a copia da copia. (ARIDEZ, 2017).

Nesse depoimento, Mike fala sobre como se dava o contato dos novos trabalhos de bandas Brasil afora, e até internacionalmente e que a comunicação pelas cartas os levava a inúmeras cidades, dentro e fora do país em busca de informação e quem sabe o retorno com uma fita ou algo do tipo.

Na época dos anos 1980 e 1990, eram muito comum o uso de LP's e fita cassete. Quem não podia comprar o disco de vinil, ou quando o disco era de difícil acesso, eram gravadas fitas desses discos e, repassados para os demais. Todo mundo se juntava para ouvir junto, as fitas das bandas que iam aparecendo. E ali aconteciam conversas, trocas de ideias. E, a partir do som que eles escutavam, já pensavam nas próximas produções, desde pequenas bandas, a nível internacional como Iron Maiden, Pink Floyd, Metálica, Megadeth, Venom e muitas outras.

Essas trocas de conteúdo musical geralmente aconteciam no formato de fita cassete, que era-uma mídia que boa parte daqueles que gostavam de música possuía em casa, já que alguns trabalhos de determinadas bandas acabavam nem chegando a Teresina em forma de LP. De modo que por meio das cartas existia essa procura até conseguir ter acesso ao som novo que estava acontecendo Brasil a fora.

A chegada das *demos taipes*⁷ foi um impacto em Teresina. Aqueles que eram sócios dos *fanzines* recebiam essas demos gravadas em fitas. Eram os primeiros a ter contato com as músicas e bandas. Com a gravação dessas fitas demo, outros segmentos rock deram entrada na cidade, como o *trash metal* que se mostrava um som mais pesado do que qualquer outro já

⁷ Demo taipes é um tipo de gravação musical demonstrativa amadora, feita em estúdio ou não com a finalidade de testar a qualidade, para que assim possa haver uma gravação futura e original daquela proposta.

ouvido antes em Teresina, e assim, bandas começaram a se formar na cidade com esse novo estilo, entre elas a banda Megahertz.

O *fanzine* funcionou por muito tempo como uma espécie de “quebra galho” para os artistas e bandas, que não possuíam grandes recursos para gerar essa movimentação. Diante de um cenário mais voltado para a MPB, acima de tudo era preciso ter vontade para fazer rock na capital.

Havia ainda a dificuldade em relação ao mercado dentro da capital que não possuía fluxo, o que tornava difícil que esses artistas pudessem se manter com seus trabalhos musicais. Mas, apesar das dificuldades, o público que se deslocava de longe para apreciar os shows, não perdiam uma apresentação, fosse em locais mais centrais da cidade ou mais afastados. Entre esses fãs de rock que se deslocavam por toda a cidade de Teresina, para apreciar esse gênero musical, estava Marcelo Alelaf, integrante da banda Scud, uma banda teresinense que teve destaque durante a década de 1990. Em sua entrevista para o documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, ele enfatizou que

[...] então o rock’n roll tem essa aglomeração que é, acho que é quase impossível você vê em outro estilo musical, né? De a galera não importa onde, nós vamos, então eu acho que a gente vivia muito nessa época assim, não tinha nada, mas aonde tinha, todo mundo tava lá. (ARIDEZ, 2017)

As atitudes, roupas, o próprio som em si, as letras das músicas, todos esses aspectos contribuíram para olhar o rock com certa estranheza por parte daqueles não eram adeptos ao estilo, as atitudes e movimentações que se vinculavam a determinados espaços. Existia uma certa discriminação em relação aos *metaleiros*, eles eram taxados de bagunceiros, vagabundos, drogados, bandoleiros justamente por suas atitudes e seu jeito largado de se vestir com suas camisetas pretas, calça rasgada, cabelos cumpridos e alguns com brincos e tatuagens.

A questão do “Radicalismo no rock” se dava por meio da ideia de que era preciso mostrar para o grupo de roqueiros que existia uma fidelidade em relação ao estilo. O roqueiro não poderia ter medo de nada. E foi justamente esse posicionamento que fortaleceu a ideia de ser um grupo de baderneiros, loucos e drogados. O que nos remete a ideia de “cidade viciosa”, seguindo o pensamento de Carl Emil Schorske (2000). Isto é, esse suposto “comportamento vicioso” urbano, seria entendido por parte da sociedade, devido as formas de se expressar que os jovens roqueiros tinham. Ou seja, os longos cabelos, o uso de roupas pretas e rasgadas, um comportamento agressivo no que diz respeito aos shows, no modo de dançar empurrando uns

aos outros e balançando a cabeça freneticamente, bem como os temas “tabus” presente nas letras das músicas.

O satanismo, a morte, o mundo de espíritos, as seitas eram temas mais presentes nas letras das bandas estrangeiras. As bandas de rock de Teresina voltavam suas letras para problemas sociais como alienação das mentes e o uso de drogas. Na música *No fun*, por exemplo, da banda Avalon, são abertos questionamentos sobre o uso de drogas e a sensação de sentir-se perdido, tema esse também presente nas músicas das bandas estrangeiras que eram ouvidas.

Todos esses aspectos comportamentais citados, bem os temas das letras das músicas, acabaram por serem considerados práticas de rebeldia, juntamente com o uso excessivo de álcool e de drogas que foram ligados diretamente ao rock pela parcela da sociedade que não era adepta ao rock e pelos mais conservadores, que prezavam pela moral e pelos bons costumes, os quais o rock não fazia parte.

Assim como é lembrado por Flávio Nordestino em seu depoimento para o documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, onde ele destaca o comportamento de alguns roqueiros, a partir das atitudes radicais dele.

Eu xingava era os policial cara, quando vinha prender, levei muita porrada, tá entendendo? os cara vinha me prender e eu xingava “filho da puta”, ia pra cima as vezes e foi, os cara me quebrava, me quebrava mermo, mas eu tinha coragem, tá entendendo? pela, aquela ânsia do metal minha era tão, hoje em dia eu ainda sou impressionado, mas não como na época, de enfrentar um cara da lei e tal, o cara vinha e eu enfrentava, enfrentava mesmo, não tava nem aí, tá entendendo? Enfrentava mesmo, até pelos caras, tipo assim realmente tinha que mostrar pros caras que tu era fiel mesmo. (ARIDEZ, 2017).

Segunda a fala de Flávio Nordestino, todos os adeptos ao rock tinham que demonstrar atitudes “radicais”. E não ter medo de enfrentar a polícia era algo que seria respeitado dentro do grupo. Entre outras práticas, como rituais satânicos, sacrifícios, não ter medo de provar que era roqueiro de verdade, de modo que entre todos, Flávio se considerava o mais “radical”, pois tinha realizado todas as práticas citadas acima.

Teresina era uma cidade que refletia olhares diferentes, daqueles que faziam parte das bandas, aqueles que não perdiam uma apresentação, e da parcela que observava de fora e tinham uma certa rejeição em relação aos grupos daquele estilo musical na cidade, principalmente com a chegada do *trash metal* em Teresina causou espanto, com a utilização de gritos e algumas vezes letras, que não podiam ser compreendidas.

Essa ideia de loucura acerca do rock, também se formou a partir das bandas de rock que estavam em alta na época, essa noção de maldição não era algo exclusivo do rock produzido em Teresina. O que acabou se tornando uma dificuldade a mais, conseguir quebrar essa imagem de desordem e malandragem que a sociedade teresinense formou em relação ao rock na época em que as bandas começaram a surgir na cidade.

Em contraponto, o público *metaleiro* da cidade seguia as bandas para onde quer que fossem. No caso da banda Vênus, o sucesso foi tanto que a revista Blitz lançou uma matéria sobre ela, que destacava com surpresa o talento de uma banda do interior do Piauí, como se em uma cidade pequena não pudesse haver um som tão bom quanto das bandas do centro-sul brasileiro.

A formação das bandas em Teresina contribuiu para a construção da identidade e do sentimento de pertencimento em relação ao rock na cidade. Essa identidade era representada nas atitudes no meio urbano e, nas formas de se posicionarem dentro do próprio grupo de roqueiros.

Os espaços que integravam os eventos artísticos, os festivais, shows e apresentações, no recorte temporal de nossa pesquisa, traziam em si aspectos semelhantes. Alguns desses espaços mantêm essas movimentações culturais até a atualidade, promovendo e mantendo viva uma das faces da identidade teresinense. Esse fato nos leva a compartilhar do pensamento de Roberto Lobato Corrêa (2000, p. 8), quando afirma que “[...] o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizam no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”.

São justamente esses momentos, dessas ações, que são percebidos pela memória daqueles que frequentaram esses espaços, nas décadas de 1980 e 1990. A marca do passado deixada no presente se faz também por meio das problematizações das músicas, pontos que eram alvos de críticas naquele período, e que perpassa aos tempos atuais.

A ideia de “espaço”, que estamos estudando, se mistura com toda a atmosfera cultural da cidade. No entanto, vale ressaltar que esses espaços se constituíam não somente pelas agitações do rock, mas também por outras práticas como jogos, apresentações teatrais, leitura de poemas, debates políticos. Práticas essas que estabelecem ligações sociais e afetivas com o local frequentado, indo além do material, permitindo relações subjetivas.

O historiador Michel de Certeau (2008) concebe “espaço” como um lugar praticado, onde a forma das ações ali realizadas o define, juntamente com os indivíduos que o fazem. Na capital piauiense, a configuração de alguns espaços, seguindo a acepção de Certeau, se deu

com a prática da realização de shows, fazendo com que esses, se tornassem espaços de sociabilidades musicais.

Inúmeras bandas foram responsáveis pela movimentação desses espaços citados anteriormente. Entre os grupos de rock, que promoveram a música popular urbana de Teresina, podemos citar as bandas Vênus, Fator RH, SNI, Avalon, Megahertz e Narguilé Hidromecânico⁸. Analisaremos a trajetória artística desses conjuntos musicais, no próximo tópico, a fim de traçarmos um possível perfil do *ethos* urbano teresinense, nas décadas de 1980 e 1990.

As noites teresinenses eram bem movimentadas. Existiam estabelecimentos, como bares e restaurantes, que promoviam apresentações de artistas locais e de cidades próximas, no caso dos bares as apresentações giravam mais em torno de bandas e grupos mais populares da cidade. No caso dos restaurantes mais requintados, estes eram frequentados por autoridades e pela alta classe teresinense. Geralmente apresentavam-se artistas mais “refinados” como pianistas, violinistas e flautistas, assim como foi observado na coluna do “Roteiro” do jornal da Manhã.

2.1 Dos espaços culturais: O bar

Falar sobre espaços de sociabilidades em Teresina nas décadas de 1980 e 1990 engloba um universo de misturas. A capital piauiense era muito movimentada no que dizia respeito a entretenimento, não importa qual fosse o bairro, Teresina tinha o que oferecer em suas noites. Alguns espaços ofereciam programações parecidas, com música ao vivo e bandas da cidade.

Dos cinemas aos bares, Teresina possuía uma programação cultural bem diversificada, no final de semana só ficava em casa quem queria. Com o passar do tempo, cada vez tornou-se mais frequente a presença de atrações musicais em espaços mais casuais, como restaurantes e principalmente os bares nas noites teresinenses. Começaram a tomar forma e ganhar gostos dos mais diversos públicos, principalmente aos finais de semana. Esses locais tornavam-se pontos principais de encontro entre uma parcela dos jovens.

O bar era um lugar para todos os momentos, encontros e desencontros, debates políticos, discussões acaloradas ou mesmo o final de um dia de trabalho acabava na mesa de bar. Este foi se popularizando cada vez mais, justamente por ser um ambiente mais

⁸ Entre as 6 bandas, a Avalon e Megahertz cantavam em inglês, como estratégia de produção e consumo.

descontraído. Havia muitos bares espalhados pela cidade. Esses bares funcionavam principalmente nos finais de semana, de quinta-feira a sábado.

Diferente desses locais que recebiam grandes shows e atrações, como o Ginásio de Esportes Dirceu Arcoverde – o “Verdão”, a atmosfera dos bares se constituía de forma mais alternativa. Em alguns bares da cidade, existia uma movimentação de artistas mais frequentes que apresentavam certa variedade musical, mas era evidente o destaque ao universo da MPB nacional e a própria música teresinense, mas também de bandas de rock que se formaram na cidade.

Entre os bares mais famosos dessa época na cidade podemos citar o bar Nós e Elis, conhecido por sua localização perto da Universidade Federal do Piauí. O bar Nós e Elis representou um famoso e forte lugar de memória. Nesse local aconteciam eventos, apresentações, rodas de debates que chamavam a atenção do público daquela época. Assim como outros locais, o bar tinha forte presença de artistas, militantes e intelectuais que movimentavam as noites teresinenses nesses espaços (SANTOS, 2016).

É justamente sobre a movimentação que acontecia nesses bares, que nosso entrevistado, Nilson Santos⁹ vem tratar. Ele relatou que os bares de Teresina,

Sempre estiveram em alta. Mas o ano de alta foi mesmo de 1980 até 1996. Em Teresina as casas noturnas sempre foram um diferencial. Todo mundo juntava seu dinheiro e saía em grupo para curtir a noite. Pena que em Teresina os bares e casas de show eram de época. Elas não duravam muito não. E assim, vários bares surgiam ano após anos para fazer a festa continuar a acontecer. (SANTOS, 2019).

As vivências nos bares marcaram de alguma forma a vida de pessoas que os frequentaram, seja com encontros amorosos, ou com histórias engraçadas que ainda hoje são lembradas nas rodas de conversas entre amigos. Essas histórias são formadoras da memória coletiva já que estes espaços eram praticados por grupos de pessoas diferentes. A memória coletiva se forma a partir de experiências que diferentes indivíduos compartilham de determinado local.

Esses grupos compartilharam o mesmo espaço partindo de experiências diferentes. Para Michael Pollack (1989) a memória coletiva age como reforço para sentimentos vividos e adormecidos sobre um evento marcante que afetam cada um de forma individual e que ao

⁹ Nilson Antônio dos Santos foi proprietário do bar Barbárie. Atualmente é empresário e jornalista autônomo. Nos concedeu uma entrevista temática, por meio de aplicativo de comunicação WhatsApp, devido a falta de oportunidade de entrevistá-lo pessoalmente.

mesmo tempo os une. “Uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLACK, 1989, p. 01).

Os bares na cidade de Teresina eram frequentados principalmente por jovens onde acontecia de conversas, apresentações teatrais, rodas de debates políticos, principalmente entre os estudantes militantes. Também eram espaço para aqueles que voltavam de um dia cansativo de trabalho, passavam para beber alguma coisa e relaxar.

Os próprios artistas locais e aqueles que vinham visitar a capital ou fazer suas apresentações acabavam nos bares após a exibição de seus espetáculos. O historiador Raimundo Santos, em seu estudo sobre os espaços culturais de Teresina, nas décadas de 1980 e 1990, explica que “Entre esses bares, havia outros que além da espontânea frequência de artistas, ofereciam uma programação artística, mais sistematizada, aos seus clientes. Essa programação artística foi configurando esses bares como verdadeiros espaços culturais” (SANTOS, 2016, p.198).

Suas programações iniciavam na “boca da noite” e iam até altas horas, diante da mistura de atrações que acontecia nesses espaços. Alguns dos bares poderiam ser considerados um espaço cultural, já que na cidade Teresina o ambiente do bar não se limitava a venda de bebidas, mas sim eram locais que se movimentavam justamente por oferecer uma programação mista nos finais de semana. Alguns deles, durante toda a semana.

Nos bares caracterizados como espaços culturais, por Raimundo Santos (2016), a programação era composta principalmente de música ao vivo com bandas e artistas da cidade, momentos de apresentação de crônicas e poemas que eram geralmente da autoria dos frequentadores e existiam eventos com apresentações teatrais. Diante dessas manifestações artísticas que aconteciam costumeiramente podemos perceber como escrever e produzir era algo que os artistas teresinenses faziam de forma constante.

As apresentações musicais se davam principalmente pela MPB, fosse da produção regional a partir dos artistas da cidade, ou interpretações de grandes sucessos nacionais. Entre os estilos de músicas encontrados nos bares, o rock foi um gênero que ganhou força na capital após da década de 1980. Muitos jovens se juntaram e formaram suas bandas de rock. Os espaços dos bares serviram como ferramenta de divulgação para que esses novos grupos ganhassem fama na capital.

Ao voltarmos nosso olhar para o bar podemos entender que tipo de sociabilidades se formavam nesses espaços, principalmente com a presença do rock nesses estabelecimentos. O trecho da crônica, “Bar e os amigos”, de Vilmar Bitencourt (2016), citada abaixo, nos ajuda a

entender que os bares, em qualquer tempo e lugar, são espaços de inúmeras vivências, de múltiplas emoções. Podemos supor que não se tratava apenas de um espaço no qual se consumia bebida alcoólica, além disso, era um local de expressão, fosse pela música, pelo debate, pelas conversas e ideias que ali eram feitas e repensadas.

[...] Foi nesse ambiente que vivi grandes momentos da minha vida que confesso, bebi em grandes tragos. Nos bares travei grandes debates filosóficos, poéticos, passionais e amorosos. Muitos namoros nasceram nos bares e escurinhos. Mário Quintana tem um poema que eu gostava de dizer nos aniversários dos meus amigos. Aquele que fala da erudição das garrafas e da gargalhada até o crânio rachar. Foi assim gargalhando que vi muitos bares fechar e fechei alguns. [...] (BITENCOURTT, 2016).

Assim como a própria cidade pode ser vista e entendida de inúmeras formas, sejam elas concretas ou subjetivas, assim também é o bar. O bar pode ser considerado um simples local para ir ao final do dia para um momento de descontração, ao mesmo tempo o bar pode representar um lugar de intelectualidade aberto a discussões políticas, as mesmas que podem ser representadas por outros meios, nesse caso as expressões artístico-culturais que se desenvolveram em torno de alguns desses bares, o qual será debatido mais à frente.

2.2 Dos Bares ao Barbárie

O bar Barbárie abriu suas portas no início da década de 1980, localizava-se na Rua Lucídio Freitas, no bairro Mafuá, na zona Norte, próximo ao centro da cidade, tendo como proprietário inicialmente Ubirani Rocha. Passou pelas mãos de vários administradores, seu ano de fechamento foi 1996, com Nilson Antônio dos Santos como último administrador e dono.

Assim como o próprio Nilson Santos falou em sua entrevista, ele sempre fora envolvido com movimentos sociais e culturais. Sendo assim, viu na abertura do bar a possibilidade de trabalhar e viver no universo que tinha maior envolvimento.

Assim como mudou de administradores, o bar Barbárie também se mudou para seu novo endereço, que se localizava na Avenida Miguel Rosa. E em seu último endereço, o bar Barbárie encontrava-se agora na Avenida Maranhão, bairro Matinha, próximo ao Iate Clube de Teresina.

Nos dois últimos endereços o bar já se encontrava sob administração do empresário Nilson Santos, que durante esse período até o momento de seu fechamento, o Barbárie bateu

recordes de lotação várias vezes em seus últimos anos. De acordo com o próprio Nilson Santos esse era o grande diferencial do Barbárie, para os outros bares da cidade, ele contava com grandes atrações e fortes nomes da música nacional, não somente com artistas da capital.

De um bar, com um ambiente mais casual e simples, nos seus primeiros anos, aparentemente um espaço mais rústico, com quadros e painéis nas paredes e algumas árvores. Posteriormente, o Barbárie, virou casa de espetáculos com uma “cara Norte Americana” e já no seu último endereço citado acima, nesse espaço cabia cerca de 4 mil pessoas (SANTOS, 2019). A mudança na estrutura física e de espetáculos fez com que o Barbárie tivesse um pouco mais de requinte do que os demais bares da cidade, a intenção do dono era que pudesse ser comparado a estabelecimentos estrangeiros, que surpreendesse e fosse um destaque frente aos demais bares da cidade.

Era só mais um bar na cidade de Teresina, de um simples espaço, até que o Barbárie se tornou um local mais refinado, onde antes recebiam artistas iniciantes e jovens músicos amadores. Na casa de shows Barbárie aconteciam shows com grandes nomes da música nacional e os principais da capital. Essa mudança na estrutura e na formação do espaço do bar se deu principalmente com sua última mudança de endereço, que já acontecera justamente visando um local maior, com melhores instalações até mesmo do que os locais anteriores, sua forma de organização, decoração e serviços que com a mudança de local e renovação estética, o bar não só estava de cara nova, mais interessante e atrativo aos clientes.

O bar Barbárie possuía uma programação parecida com a do bar Nós e Elis. Ele abria suas portas ao público a partir da quinta-feira até o domingo e contava com shows ao vivo em sua programação. Assim como foi informado no caderno 2 do jornal *O Dia* de 30 de janeiro de 1992, que trazia na coluna “Agite” a programação cultural da cidade, entre restaurantes, cinemas e bares. O Barbárie nesse dia trazia como atração “Os Meninos de rua” com Anderson e Bibio (AGITE, 1992, p. 3).

É importante perceber a articulação que existia entre os locais e seus frequentadores, geralmente esses espaços se organizavam em torno do centro da cidade, o que facilitava a locomoção de um espaço para outro, aonde poderia ir até a pé de um bar para o outro. Acontecia uma circulação de frequentadores de um espaço para outro no que diz respeito a encontros e de acordo com a programação que determinado local estava oferecendo naquela noite, que se não agradasse a todos, poderiam ir para outro local ali perto que oferecesse um entretenimento que agradasse mais.

Roberto Lobato Corrêa (2000) trata da questão de articulação de espaços, como os posicionamentos desses espaços contribuem culturalmente para a noite da cidade e como suas

posições próximas podem ou não favorecer a construção popular daquele espaço. “Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada um com suas partes mantem relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável” (CORRÊA, 2000, p. 07).

No primeiro endereço do bar Barbárie, na Rua Lucídio Freitas, no bairro Mafuá, na zona Norte, próximo ao centro da cidade, atualmente funciona uma clínica médica, como pode ser observado na imagem a seguir (Imagem 02).



Imagem 02: Diferentes ângulos do local onde funcionava o bar Bárbarie, na Rua Lucídio Freitas, no bairro Mafuá, em Teresina. Atualmente funciona uma clínica médica, com outra arquitetura, em 2019.

Fonte: SANTOS, 2019.

Entre as atrações culturais do bar, a música era comandada pela MPB, apesar de acontecerem apresentações de outros gêneros musicais, como o rock, as músicas baianas, a casa funcionava de acordo com o gosto do público. Que inicialmente eram apresentados artistas da própria cidade, entre eles podemos citar a Banda da PM, Meninos de Rua e outras apresentações solo.

Existia no bar eventos temáticos como o show “A cor mais pura” apresentado por Zé Marques e João Ângelo, assim também como o “Carnaval do Barbárie” que acontecia no período do feriado de carnaval, para aqueles que preferiam ir ao bar a cair na folia, nas ruas e clubes da cidade.

Zé Marques também se apresentou no bar Nós e Elis, assim como outros nomes, entre eles Maristela Gruber cantora lírica e escritora, juntamente com Paulo Aquino, este que foi baixista da formação original do grupo Candeia, apresentaram-se em uma oportunidade no bar Barbárie. Outros eventos que aconteciam também no bar Barbárie eram a Noite da festa baiana, a noite da brega, o Domingo do rock, esses dias de festa mais específicos, com uma temática própria, geralmente acontecia em feriados ou datas comemorativas. Este espaço não

se utilizava apenas da música como atração artística, era comum também shows de humor acompanhando de um belo cardápio.

Era bem comum encontrar o nome desses artistas citados acima em tudo que se relacionasse a música e a eventos culturais, como por exemplo, na gravação do “Suíte de Terreiro” disco do grupo Candeia, que além da participação de seus integrantes também contou com outros artistas, entre eles Maristela Gruber.

Posteriormente, com as mudanças na administração e de endereço, o bar Barbárie foi crescendo e, assim, aumentando seu olhar no que diz respeito a suas atrações. Passaram a se apresentar cantores e grupos nacionalmente conhecidos, o que fazia com que o bar Barbárie se destacasse na organização de grandes shows e eventos na cidade.

Entre as atrações que movimentaram o bar Barbárie com suas apresentações estão os artistas locais, Banda Luau, Toninho Horta, Banda Brilho Musical, João Claudio Moreno (Humor); os artistas regionais, Paulo Diniz, Papete (MA), Waldick Soariano, Banda de maçã, Roberto Ricci; e as atrações nacionais, Yahoo (RJ), Geraldo Azevedo, Falcão (humor), Belchior e Zé Ramalho. A seguir apresentamos duas fotos desses dois últimos artistas (figuras 3 e 4), no interior do bar Barbárie, ao lado do proprietário Nilson Santos.



Imagens 03 e 04: Os cantores Belchior e Zé Ramalho, ao lado de Nilson Santos, no interior do bar Barbárie, em Teresina.

Fonte: SANTOS, 2019.

Assim, o Barbárie construiu seu diferencial em relação aos outros bares, de um pequeno espaço, para uma grande casa de espetáculos que apresentou de tudo durante seu tempo de funcionamento, de artista da terra com seus mais variados gêneros, aos artistas nacionais que eram responsáveis pela lotação da casa nos dias de seus shows.

O rock nacional sofria muita influência das bandas estrangeiras como Led Zepellim, foi a partir do contato com esses sons diferentes que as bandas de rock começaram a se formar pelo país, não foi diferente no Piauí. No universo da capital, uma das bandas de rock teresinenses que marcou nosso entrevistado, Nilson Santos, foi a banda Vênus, que seguia uma linha *Heavy metal*, e trazia importantes mensagens em suas letras como forma de abrir a mente dos jovens.

3 O URBANO VISÍVEL E SENSÍVEL NAS LETRAS E NOS ACORDES

A cidade vai além de sua materialidade, construída pela ação humana e transformada por ela. Essas transformações partem de forma subjetiva, do ser e fazer cidade, envolvendo sentimentos, desejos, esperanças, como nos traz Sandra Pesavento (2007). Não é à toa que muitas vezes podemos identificar a que lugares determinados indivíduos pertencem, partindo de seus comportamentos, suas características. Acreditamos que a cidade se firma com a aglomeração de pessoas vivendo de formas diversas, com suas particularidades que contribuem para a formação/ transformação da urbe.

Nessa parte do texto discutimos a cidade além da sua estrutura física, focando nos pontos mais subjetivos. Historicizamos uma Teresina que se representa através de músicas, que apontam aspectos urbanos, vividos, sentidos, desejados e criticados por meio do rock. Nesse sentido, uma cidade pensada pelo viés visível, sensível e imaginário, seguindo a acepção de Sandra Pesavento (2007), se estabelece a partir de seus sons, seus cheiros, suas cores, seus sabores, juntamente com suas formas táteis. Aqui focamos nossa análise em uma cidade musical, por compartilharmos do pensamento de que,

E, em matéria de som e oralidade, há uma cidade musical que invade nossos sentidos. Música e letra, canção e voz acompanham a vida das cidades e falam delas de forma...irresistível, por certo! Pícaras e burlescas, românticas e melodramáticas, solenes e oficiais, as músicas da cidade nos permitem construir imagens mentais do urbano, algumas mesmas tornadas icônicas [...]. (PESAVENTO, 2007, p. 20).

As canções “nos permitem construir imagens mentais do urbano”, por meio de letras, oralidade, melodia e instrumentalização, tendo em vista que nesse trabalho faremos uso principalmente das letras, as quais geralmente ficam responsáveis pela forma com a qual a temática da música vai ou não atingir o público. No caso do rock em Teresina, nos anos 1980 e 1990, algumas composições promoveram certo impacto, devido às críticas aos problemas sociais que aconteciam em todo o Brasil e também na capital do Piauí. Ao analisar as músicas pretende-se entender o olhar dos músicos sobre o momento da cidade, e perceber como determinadas ações urbanas influenciam nos espaços e nas formas de relações que eram estabelecidas a partir deles.

Para entender melhor as influências da cidade nas músicas e vice-versa, julgamos necessário realizar uma análise que parte da composição de algumas das bandas, responsáveis por essa movimentação do rock na capital. Focando justamente na produção fonográfica, que ocorreu de forma mais evidente para umas bandas do que para outras, com a produção e lançamento de álbuns, que serão discutidos a seguir.

A banda Vênus, que abre o movimento *Heavy metal*¹⁰ na cidade Teresina (1982/1983), foi cover de grandes bandas nacionais e internacionais. Mas vale ressaltar que ela também possuía composições autorais e cantava em português. Esse grupo se apresentou de forma oficial no Festival Setembro Rock¹¹ em 1984, para um público mais expressivo e, posteriormente, lançaram um disco em 1986, em outra edição desse evento.

Em uma entrevista à revista *Révestres*¹², Thyrso Marechal¹³, cantor e guitarrista da banda na época, falou sobre o impacto que a banda Vênus teve no cenário teresinense e na própria vida dos integrantes “Nós tínhamos amor à música e claro, ao Rock pesado. Também

¹⁰ O Heavy metal é um gênero do rock que se desenvolveu no final da década de 1960 e no início da década de 1970, que significa metal pesado.

¹¹ O Setembro Rock foi um dos festivais de imensa importância para impulsionar o rock na capital. Esse evento voltava-se totalmente para esse estilo musical, o qual trouxe diversas bandas nacionalmente conhecidas à cidade de Teresina.

¹² Revista piauiense que trata de literatura, arte e cultura.

¹³ Thyrso Marechal foi integrante da primeira formação da banda Vênus, e teve passagem por outros grupos musicais, como a Avalon.

havia afinidade, amizade e a vontade de fazer algo de que realmente gostávamos” (SENA; HOLANDA, 2017).

A banda Vênus foi a primeira grande referência do rock pesado na cidade, apresentando seu *haevy metal*. Existiam outras pequenas bandas anteriormente, porém que não obtiveram o mesmo destaque. A banda Vênus, a partir de 1984, começou a produzir seu repertório musical na cidade, oferecendo um som pesado e, assim, contribuiu para o surgimento de outras bandas. Posteriormente, seria a primeira banda piauiense de rock a conseguir gravar discos dentro da cena teresinense.



Imagem 05: Primeira formação da Banda Vênus. 1982

Fonte: ARIDEZ: metal muito além do fim do mundo, 2017.

A primeira formação da banda Vênus se deu em janeiro de 1982, era composta por Carlinhos Pincel que tocava baixo, Ico Almandra, Quinha na bateria e Thyerson Marechal que tocava guitarra e cantava. Em 1987 a Vênus se apresentou no Theatro 4 de Setembro, que segundo o depoimento dos artistas da época, era conhecido por ser um local mais familiar, o que causou surpresa na sociedade teresinense, onde alguns consideravam o estilo musical um tanto quanto ofensivo. O que era sim percebido pelos integrantes da banda, e é justamente o que Carlinhos Pincel, líder da banda Vênus ressalta em sua entrevista para o documentário “Aridez: Metal muito além do fim do mundo”.

Até que pra gente fazer o primeiro show no teatro teve um problema lá, porque não queriam que a gente tocasse, porque era banda de rock, que acha que rock é maldição, é só málico aquele negócio todo, eu disse: não rapaz, não tem nenhum louco aqui não, é uma música como outra qualquer. (ARIDEZ, 2017).

A formação da banda Vênus e os primeiros adeptos ao estilo musical foram fazendo com que o rock se popularizasse na cidade, o que foi provocando a organização de eventos, o

interesse dos jovens por esse som novo, e a partir daí a vontade de montar uma banda. Pode-se dizer que a banda Vênus impulsionou a produção do rock pesado na capital, visto que foi a partir do sucesso da banda que os interessados em rock acreditaram que também era possível.

Como a banda SNI¹⁴ (Sem Nada a Informar) formada em 1987, com o desejo de conscientizar, geralmente traziam críticas sociais em suas letras, discutindo temas como drogas e repressão, fazendo um verdadeiro panorama do momento atual no Brasil, naquele período. Essa banda foi influenciada por Led Zeppelin e também por bandas brasileiras como Legião Urbana. Esse grupo musical procurava apresentar em suas letras um retrato do passado e do presente, de tudo aquilo que estava rolando no Brasil, “tentávamos subverter as mentes alienadas”, isso foi declarado pelo baterista da banda, Roberto Plant, em uma matéria publicada no jornal teresinense *O Dia*. (S.N.I. o dia, 1989, p. 9).

Em uma de suas músicas autorais “Juventude comunista” traziam uma grande crítica às mais diversas formas de passividade de pensamento e à forma como a sociedade se comportava, naquele período, diante do contato com as novas tecnologias “*tudo é igual/ a TV impõe e você aceita/ você liga o vídeo e fecha o livro/ você cruza os braços/ o computador te diz*”. (S.N.I. sni joga pesado no rock piauiense. O dia, 1989, p. 9).

Essa letra traz para a realidade os aspectos que fazem com que os indivíduos, principalmente os jovens, se tornem dependentes de certas tecnologias. São comportamentos que partem de grandes centros urbanos, para as pequenas e médias cidades, que era o caso de Teresina nas décadas de 1980 e 1990. Esse ethos urbano submisso se enquadra na ideia de “cidade além do bem e do mal” proposta pelo historiador Carl Emil Schorske (2000). Onde a chegada dessas tecnologias seria responsável por facilitar as relações trabalhistas, sociais e, ao mesmo tempo, criava dependência. A TV e o computador, por exemplo, contribuíram para prender as pessoas cada vez mais dentro de suas casas, promovendo lazer/trabalho doméstico. Esse novo comportamento levou o espaço da rua a ficar menos frequentado, devido às pessoas ficarem em suas casas obedecendo às ordens dos meios tecnológicos. É justamente essa a crítica que a música traz em sua letra.

Outra banda que possuía uma proposta bem parecida com a SNI era a banda Fator Rh. Ela focava mais em temas que tocavam diretamente a juventude, problemas sérios como

¹⁴ O nome da banda é uma sátira ao Serviço Nacional de Informação, a entidade de espionagem durante o período da ditadura civil militar no Brasil, de 1964 a 1985.

ecologia, violência, discriminação racial, fazendo um som mais conhecido como “pp” musical, o chamado “pop do progresso”¹⁵.

A banda Fator Rh era formada toda por estudantes, também tinham como referência bandas nacionais como Legião Urbana, Titãs e Ira, “nós gostamos de rock porque é um som que toca diretamente os jovens. Em nossas letras nós falamos de problemas sérios, que atingem o Brasil” disse Cleyson, Guitarrista do grupo, para o jornal *O Dia* em março de 1989 (OSÓRIO JR, 1989, p. 11). Entre as músicas de mais sucesso, estava “Protesto”, que tratava justamente de problemas sociais que afetam o Brasil e o mundo, seja de forma direta ou indireta “*essa desigualdade? por cor ou religião/ lutamos contra o apartheid /por que discriminação?*” (OSÓRIO JR, 1989, p. 11).

Nessa mesma matéria, veiculada em 18 de março de 1989, o jornal *O Dia* divulgou um show da banda realizado no Colégio das Irmãs, uma escola tradicional e conservadora, mas que abriu as portas para o rock da banda Fator Rh. Eles apresentaram músicas de sua composição e cover de outras bandas, sem palavrões, respeitando a instituição. De acordo com a matéria a apresentação teria sido aprovada pelos alunos, que dançaram o show inteiro. Essa apresentação no Colégio das Irmãs nos leva a perceber que aos poucos o rock ia transitando pelos múltiplos espaços de Teresina, deixando sua marca na memória daqueles que vivenciaram aquele momento festivo.

Em 1987 a banda Megahertz despontou fazendo sucesso em Teresina, era formada pelos ex-integrantes da banda Vênus e da banda Wagark. Com um som novo que antes só tinham sido vistos nos grandes centros, a banda possuía um certo reconhecimento nacional. As letras das músicas possuíam um teor de negatividade e críticas muito pesadas à sociedade, questionando a necessidade das guerras que só geram mais pobreza e destruição, criticando a tecnologia como um incentivo a alienação das mentes.

¹⁵ O “pop do progresso” era um tipo de rock não tão agressivo, como o tocado pelas bandas Avalon e Megahertz. Ele colocava em foco questões que tocavam a juventude de forma mais simples.



Imagem 06: Banda Megahertz tocando no festival Setembro Rock. 1987.
Foto: ARIDEZ: metal muito além do fim do mundo.

A banda Megahertz foi uma das que tiveram mais ascensão em Teresina. Ela trocou de formação algumas vezes, mas se manteve no cenário musical piauiense por mais de 18 anos, juntamente com a banda Avalon. Essas bandas se destacaram por suas evoluções e a forma com a qual faziam seus sons. A entrada do *trash metal* em Teresina se deu devido ao som trabalhado por essas bandas. Segundo os relatos dos artistas da época para o documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, a Cogumelo RECORDS uma das maiores gravadoras do Brasil nos anos 1980 e 1990, e que tinha a banda Sepultura na lista de seus principais artistas, se interessou pelo estilo da banda Megahertz. Propondo ao grupo a gravação de um LP gravado em inglês e com uma temática satanista, que seguia linha das demais bandas que a gravadora estava lançando naquele momento.

Porém, a proposta não agradou os integrantes, que não pretendiam mudar seu estilo pela gravação do disco, devido o destaque, uma nova oportunidade não demorou a aparecer. Em 1989, as bandas Megahertz e Avalon lançaram juntas um LP, com dois lados, intitulado de “Technodeath/ Stop the Fire”, pela gravadora Cogumelo Records. O álbum, do lado Technodeath da banda Megahertz, trazia consigo uma temática bem pesada, tanto no que diz respeito às letras quanto ao som. De maneira geral as músicas trazem fortes críticas que dizem respeito às ações dos indivíduos na sociedade que se enquadravam na forma em que o sistema lhes era imposto. Em muitos momentos são feitas comparações com o inferno.

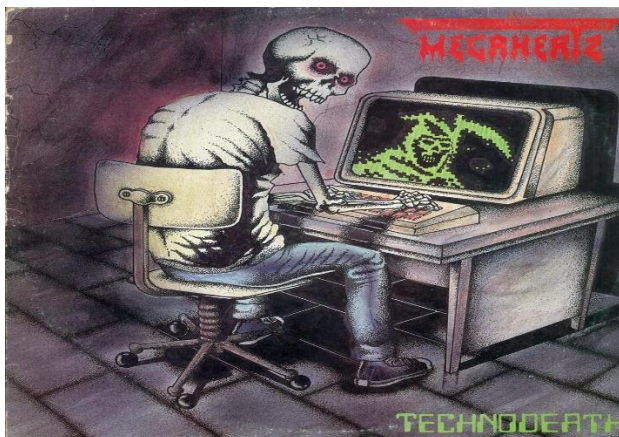


Imagem 07: Capa do Álbum da banda Megahertz, em parceria com a banda Avalon, lançado em 1989.
Fonte: MEDEIROS, 2013. p. 113.

A imagem da capa do disco (Imagem 07), juntamente com uma música com título homônimo ao álbum, “Technodeath”, visava criticar a influência maléfica das tecnologias e a alienação que poderia causar nos jovens, representada pela morte. Essa canção com uma letra áspera bradava: *“Oito horas de trabalho/ oito horas de prisão/ oito horas são desperdiçadas/ a humanidade ferida pelos homens/ deuses de um lado/ doenças do outro lado/ há dúvidas em suas mentes/ é o verdadeiro inferno? Talvez/ seja aqui nessa terra/ então me diga onde estamos indo”*. As críticas dessa música também representam uma “cidade viciosa”, seguindo o pensamento de Carl Emil Schoske (2000), quando pontua que o acúmulo e a extravagância das riquezas fazem com que os homens citadinos tornem-se pobres de espírito e decadentes se afastando e desligando-se das relações pessoais e em sociedade, restringindo assim seu mundo para a vida privada em torno das redes.

E, mesmo onde existe toda uma riqueza, ainda se encontra o desemprego e a pobreza nas classes mais populares de homens deprimidos e angustiados que se encontram nessa posição devido a ganância a avareza daqueles que os governam e estão no comando. Nesse sentido, a construção de uma sociedade moderna contribui de inúmeras formas para o desenvolvimento e melhoramento das estruturas urbano-sociais, até o momento em que ela freia o desenvolvimento do homem como indivíduo, nesse caso, expresso na música acima. Ou seja, o patrão acumula riquezas explorando seus funcionários. Estes, por sua vez, desumanizam-se tornando-se as máquinas que manipulam no trabalho. Assim, patrão e empregados teriam vidas desperdiçadas pela tecnologia da morte que estaria ferindo sua humanidade. Portanto, os desencantos modernos de uma cidade viciosa foram denunciados pela banda Megahertz, que percebia tais vícios em Teresina e, em demais cidades do Brasil e do mundo.

Seguindo uma linha *have metal*, a banda Avalon fazia também críticas pesadas à sociedade, mas de forma diferente da banda Megahertz, com letras não tão agressivas, trazendo questões ambientais, exploração e preconceito de diversas formas. Essas questões marcaram o álbum “Stop the fire”, que trazia na capa uma ilustração que retrata justamente essa preocupação com o ambiente, um cenário desértico, seco e desmatado.

Assim como é explanado de forma bem direta na letra da canção “stop the fire” *como grito de morte se espalhando três bosques caem, todas as mortes a serra para e o negocio é realizado então começa um novo amanhecer na floresta* que denuncia a exploração das matas, o desmatamento das arvores, e a desertificação do ambiente em questão, dessa forma causando a morte dos animais que ali vivem. Como é descrito na música o motor serra para, para que ali mesmo possa ser feito o negócio, enquanto a floresta dorme verde e calma, seu amanhecer será de destruição.

Nos anos 1980 e 1990 as questões ecológicas faziam parte dos movimentos sociais urbanos, no Brasil e no mundo, estando na pauta da preocupação dos jovens engajados, como era o caso dos integrantes da banda Avalon.

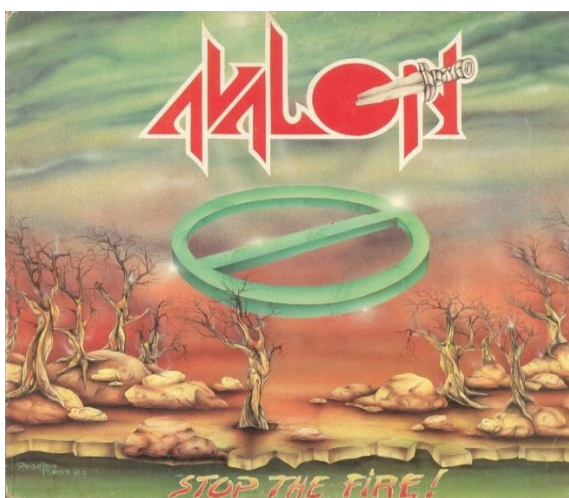


Imagem 08: Capa do Álbum Stop the Fire, da banda Avalon, em parceria com a banda Megahertz, lançado em 1989.

Fonte: MEDEIROS, 2013, p. 113.

Nesse trabalho da banda Avalon seu tema central parte de questões ecológicas e problemas com o meio ambiente que são abordadas em algumas letras de suas músicas assim como na imagem da capa do disco podemos perceber características ligadas a seca e degradação do solo que se da principalmente pela ação do ser humano e sua má administração.

“Há dinheiro na floresta, você sabia disso? Os grandes fazendeiros matam os índios, e é verdade? O cheiro da fumaça reina livre, você pode sentir isso? A floresta é um jogo de negócios para todos vocês” em mais um trecho da música “Stop the fire” levanta-se uma crítica sobre o desmatamento e o olhar ambicioso dos fazendeiros em relação as florestas, e a exploração a vidas humanas no que diz respeito ao massacre aos índios. As letras das músicas das bandas na época, retratavam muitas vezes aquilo que estava acontecendo no cenário brasileiro, como as questões que dizem respeito as queimadas e degradação do solo, outro ponto importante era a luta dos índios contra os fazendeiros que tentavam se apossar das terras dos nativos com a finalidade de lucrar.

A banda Avalon teve uma participação notória em shows em São Paulo, na Argentina, segundo depoimentos no documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”. As letras de suas músicas transmitiam mensagens em defesa da ecologia e contra o uso das drogas. Inicialmente cantavam em português, mas diante do interesse das gravadoras passaram a cantar em inglês, já que tinham interesse no mercado externo.

Como os eventos ligados ao rock não aconteciam com tanta frequência, os ensaios eram os momentos de reunião da galera que curtiam esse estilo musical. No caso dos ensaios da Avalon, que aconteciam em um espaço que o Thyron Marechal arrumou no bairro Mocambinho, eram quase que eventos, juntava muitos fãs, que geralmente debatiam sobre as novas tendências, apreciavam o som e davam sugestões para as composições e repertório. Segundo o depoimento de Wiliam Rodsam, integrante de algumas bandas teresinenses, contido no documentário “Aridez: metal muito além do fim do mundo”, “todo ensaio do Avalon era aquela galera e lá era mais organizado, tinha um galpãozinho, e do lado tinha um barzinho, então, era tudo perfeito ali, sábado à tarde era os ensaios do Avalon ali era sagrado”.



Imagem 09: Ensaio da banda Avalon no bairro Mocambinho. 1987.
Foto: ARIDEZ: metal muito além do fim do mundo. 2017.

Devido ao sucesso que a banda Avalon já vinha fazendo na cidade de Teresina, no ano de 1990, sua formação passou por alterações e acabaram se mudando para a cidade de São Paulo. Foram para a capital paulista na tentativa de ganhar uma notoriedade e divulgação no cenário nacional. Já com uma formação diferente, conseguiram destaque, gravaram dois discos e pouco tempo depois se separaram.

Em 1997 a banda Narguilé Hidromecânico despontou como a banda do momento, em Teresina. Faziam um som diferente, com caráter híbrido partindo da combinação de sons metálicos com instrumentos que remetem a região Nordeste, como a zabumba e o triângulo. Esse hibridismo ocorria não só na melodia, mas também nas letras das músicas. Com essas características a banda conseguiu um público considerável e bem diversificado, pois produzia um som divertido, que antes de ter cara de banda de rock, tinham cara de ser banda do Piauí. Era nítido os traços rurais e urbanos.

Diferenciando-se um pouco do estilo *have metal* apresentado pelas bandas Megahertz e Avalon, a Narguilé Hidromecânico trazia consigo uma dinâmica diferente dos outros grupos de rock. Apresentava uma mistura do punk com expressões, instrumentos e melodias que se aproximam do regional, discutindo em suas letras práticas do cotidiano piauiense, questões indenitárias locais/regionais e o livre consumo de drogas.

Na música “Amor em pó”, percebemos a defesa explícita do livre consumo de drogas: “Eu fumo maconha/ Porque eu gosto da lombra/ Eu gosto da sombra/ Na minha cabeça/ Nós fumo um/ Nós fumo dois/ E guarda o outro pra fumar depois” (HIDROMECAÊNICO, Narguilê. 1998), ao contrário da proposta da banda Avalon, que pretendia denunciar e

minimizar essa prática. Esse discurso transgressor da banda Narguilé Hidromecânico, apontava uma face viciosa de Teresina, onde os sujeitos ordinários procuravam alternativas para driblar o sistema, tentando subverter a ordem à sua maneira (SCHORSKE, 2000; CERTEAU, 2008).

No final da década de 1990 algumas das bandas que movimentaram a cena teresinense, começaram a se desfazer. Entre elas, apenas a banda Megahertz perdurou. Os roqueiros e artistas em sua maioria seguiram na vida artística, ou seja, viver no universo da música não foi algo passageiro, mas que mudou e se faz presente na vida deles até hoje.

Os ex-integrantes das bandas e produtores tem o momento do rock em Teresina como a melhor fase da vida deles, algo que não poderia ser trocado por nada, que mesmo em meio a tantas dificuldades conseguiram inserir o rock na cena cultural da cidade. Foi uma grande realização, e mesmo para aqueles que não seguiram com a carreira artística, levam até hoje o rock como forma de viver.

O estudo dessas bandas é indispensável para entender como a juventude se posicionava diante da sociedade da época. As bandas eram uma ferramenta também de informação e que foram responsáveis pela utilização de vários lugares que passaram a ser movimentados.

O som urbano das bandas de rock de Teresina, nas décadas de 1980 e 1990, foi ganhando força e ficando cada vez mais profissional, apesar de alguns grupos continuarem na cena alternativa. Os integrantes usavam o encontro com outras bandas nos festivais como uma forma de adquirir experiência, trocar ideias, principalmente com os artistas do Sudeste (ALVES, 2017).

O urbano nesse caso vai além de sua estrutura, mas sim como características urbanas que se encontram nas ações, músicas e comportamentos dos artistas. Juntamente com a vontade de apresentar uma cidade mais subjetiva que é feita e refeita todos os dias pelas ações de cada indivíduo, nesse caso dos artistas da terra.

No universo musical dessas bandas, a atmosfera dos shows sempre envolvia uma turma, bebida e animação. Esses amantes do rock transitavam pela cidade, interagindo com os espaços e as gentes. Tocando/ouvindo um som pesado ou mais leve, os músicos e o público representavam Teresina com seu ethos urbano. Assim, torna-se mais que necessário o estudo sobre aquilo que seria a visão dos nossos jovens na época, de como a cidade poderia interferir em seu modo de vida, e como eles poderiam transformar a cidade a partir das suas ações.

Através da análise das letras das músicas que foram apresentadas no decorrer do trabalho e a movimentação que o gênero do rock causou em determinados espaços da cidade

de Teresina, buscamos perceber aspectos urbanos e os problemas que se encontravam na sociedade desta urbe. Visamos também analisar como esses jovens, que curtiavam o gênero rock, eram vistos pela sociedade da época, e a influência que o rock tinha sobre esses indivíduos, e a relevância da música no desenvolvimento cultural e intelectual deles.

Assim, poderemos pensar o que existe na letra da música e em sua melodia que possa representar a cidade em seus mais diversos espaços, que passam por problemas, descaso, não somente na forma física, como também na forma humana, já que as relações se fazem cada vez mais distantes, e o papel da música, nesse caso do rock na cidade é de justamente vincular os jovens a esses espaços da cidade, e entender sua participação e importância dentro dela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo nos fez perceber a importância do papel da música, em especial o rock, para análise da história de Teresina. Nas décadas de 1980 e 1990 houve uma grande movimentação por ser o período de efervescência do gênero musical nessa cidade. As letras das músicas das bandas de rock lançaram um olhar sobre a urbe, mesmo não sendo de forma explícita em alguns casos. Apontaram relações urbanas que se davam de maneiras concretas e também subjetivas.

As bandas de rock da cidade de Teresina em sua maioria, faziam críticas, por meio de suas canções, às desigualdades econômicas e sociais, bem como a comportamentos urbanos alienados, como o uso irracional das novas tecnologias e a destruição do meio ambiente. Abordavam temas problemáticos que se mostravam na capital piauiense e, em todo o país.

A utilização da música como uma das principais fontes de nosso estudo, se deu partindo da ideia de discutir o fato de que as transformações urbanas não ocorrem somente de forma física, mas também nas percepções e apropriações da cidade na nossa vida. Assim, entendemos que alguns problemas urbano-sociais subjetivos dos anos 1980/1990 ainda persistem atualmente (no ano de 2020), como a questão do uso de drogas. Esse fato nos levou a pensar que ao lançar esses problemas em suas músicas, os artistas das bandas de rock realizavam o trabalho do *flâneur*¹⁶ expressando em suas canções questões que muitas vezes não eram percebidas ou questionadas pela sociedade, olhando de forma diferente dos demais, percebendo detalhes em meio a uma multidão (BENJAMIM, 1989).

Contudo é importante perceber a utilização da música do gênero rock como um olhar alternativo em relação à cidade, que as demais pessoas não possuem. O estudo das letras das músicas e da trajetória das bandas foram importantes para pensar Teresina a partir da movimentação dos espaços e a importância que eles tiveram, e ainda têm, atualmente.

Essa pesquisa teve por finalidade dar sentido aos olhares que a partir de agora se voltaram para a cidade de Teresina com uma perspectiva diferente, mesmo que fisicamente modificado e que alguns desses estabelecimentos nem existam mais, ao pensar a capital piauiense nas décadas de 1980 e 1990 poderemos fugir a ideia de que Teresina era uma cidade

¹⁶ Aquele que olha por baixo, que apresenta a tática, solitário, que para, para admirar atentamente as gentes, os espaços, as coisas.

pequena no que diz respeito a sua imensidão de espaços, sons e opiniões que passariam a se formar a partir daquele momento, juntamente com aqueles espaços.

Falar em questões que podem ser responsáveis pelo desenvolvimento estrutural e físico da cidade, mas, que não são responsáveis pelo desenvolvimento de sua população, da formação do indivíduo, que são expressas através dos espaços nos quais frequentam e a necessidade de pensar nessas questões, questões intelectuais que as músicas trazem, e que nesse contexto foram indispensáveis para entender a movimentação entre os espaços de sociabilidades em Teresina, e nos fazer pensar a utilização de meio urbano.

Os bares para muitas pessoas foram apenas mais um lugar de diversão e passa tempo, porém de acordo com nossa análise ao longo desse trabalho podemos perceber como as ações realizadas nesses espaços e as formações culturais que os rodeavam foram fortes responsáveis para a formação posterior da capital. É necessário que possamos entender que a formação da capital não diz está relacionado somente à estrutura, mas principalmente na cultura de seu povo.

A utilização da música como uma das principais fontes, se deu partindo da ideia de mostrar que as modificações do tempo, o desenvolvimento urbano não se dá somente de forma física, mas também na continuidade do tempo, nas percepções e apropriações do uso da cidade na nossa vida.

Espaço é todo aquele que deixa marcas, traz lembranças e sentimentos, é aquele que pode gerar relações de troca significados afetivos, desse modo podemos relacionar o Bar barbárie como espaço, assim como muitos outros que abriram suas portas na capital teresinense, os quais proporcionaram inesquecíveis vivências para os frequentadores da época e contribuíram com o desenvolver da capital além do que se pode ver.

REFERÊNCIAS

AGITE. [Programação do bar Bárbárie]. O Dia, Ano XLI, nº 10.115, Teresina (PI), quinta-feira, 30 jan. 1992. (Caderno Agite) p. 3.

ARIDEZ: **Metal muito além do fim do mundo**. Erick Miranda. Teresina: 2017.

ALVES, Thiago Meneses. **Genealogia, morfologia, dinâmicas e produtos do rock independente de Teresina no início do século XXI**. Porto. FLUP. 2017. (Tese de doutorado – Faculdade de Letras – Universidade do Porto).

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do Capitalismo**. In: Obras escolhidas. – vol. III – São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 33-65.

BITTENCURT, Vilmar. Bar e os Amigos [19/02/2016]. In: **Portal TRI** – notícias, publicidade, entretenimento e muito mais. Disponível em: <<http://www.portalmtri.com.br/colunista/25/cronicas---artigos-diversos/5?p=4>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CIDADE vive drama com passeatas e paralisações. **O Dia**. Teresina (PI), 1/2 jan.1989.

CHACON, Paulo. **O que é rock**. Editora brasiliense, 1985.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A Invenção do Cotidiano: 1**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. – 4 ed. – São Paulo: Ática, 2000.

GERALDO BRITO faz show no teatro. **Jornal O Dia**, Ano XXXII, nº 56226, Teresina (PI), quarta-feira, 11 jan. 1984.

HIDROMECAÂNICO, Narguilê. Intérprete: Narguilê Hidromecânico. **Amor em Pó**.1998. disco sonoro, faixa 3.

KASBAFY. Technodeath. Interprete: Megahertz. In: AVALON; MEGAHERTZ. **Stop the fire /Technodeath**. Belo Horizonte: Cogumelo produções, p1989. 1 disco sonoro, Faixa 2.

MEDEIROS, Hermano Carvalho. **Acordes na Cidade: Música Popular em Teresina nos anos 1980**. Teresina: UFPI, 2013. (Dissertação – Mestrado em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí).

MUSICAL hoje no teatro. **Jornal O Dia**, Ano XXXIII, nº 6724, Teresina (PI), sábado, 12 maio 1984.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, Edvaldo. **Depoimento concedido a Raimundo Nonato Lima dos Santos**. Teresina-PI, 23 jun. 2015b.

NÓS e Elis abre exposição de cartum. **O Dia**, Ano XXXIII, nº 6730, Teresina (PI), sábado, 19 maio 1984. p. 6.

OSÓRIO JR. [Banda Fator RH (Gleyson na guitarra, Maurício na bateria, Márcio no baixo e Gomery na guitarra e vocal), em março de 1989]. Fator RH positivo. **O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8975, Teresina (PI), sábado, 18 mar. 1989. (Caderno 2) p. 11. 2 fotografias, p&b.

OSÓRIO JR. Fator RH positivo. **O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8975, Teresina (PI), sábado, 18 mar. 1989. (Caderno 2) p. 11.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, n. 53, jan.-jun., 2007.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio In__ Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLÍTICA e bastidores: Nós e Elis. **Jornal O Estado**, Ano XV, nº 3296, Teresina (PI), quinta-feira, 26 abril, 1984.

S.N.I joga pesado no rock piauiense. **Jornal O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8973, Teresina (PI), quinta-feira, 16 mar. 1989.

SANTOS, Nilton Antônio dos. **Depoimento concedido a Tatiane Carvalho da Silva**. Teresina- PI. 26 maio, 2019.

SANTOS, Nilton Antônio dos. [Os cantores Belchior e Zé Ramalho, ao lado de Nilson Santos, no interior do bar Barbárie, em Teresina. Arquivo pessoal de Nilton Antônio dos Santos [2019]. 2 fotografias, color.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990**. Recife: UFPE, 2016. (Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH/ Programa de Pós-graduação em História, 2016).

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. [Diferentes ângulos do local onde funcionava o bar Bárbarie, na Rua Lucídio Freitas, no bairro Mafuá, em Teresina. Atualmente funciona uma clínica médica, com outra arquitetura, em 2019]. Arquivo pessoal de Raimundo Nonato Lima dos Santos. 2 fotografias color.

SCHORSKE, Carl Emil. **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENA, Luana; HOLANDA, Victória. Esse tal de rock'n'roll. In: **Revista Revestrés**. Reportagem, 13 jul. 2017 (Reportagem publicada na Revestrés#13 – 2014). Disponível em: <<http://www.revistarevestres.com.br/reportagem/esse-tal-de-rocknroll/>>. Acesso em: 15 maio 2018.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Tatiane Loureiro da Silva
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O metal é sempre um grito contra algo. O rock
e as práticas de espaço em Teresina nos decênios de 1980 a 1990.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 12 de Março de 2021.

Tatiane Loureiro da Silva
Assinatura

Tatiane Loureiro da Silva
Assinatura